

INSCRIÇÕES MEDIEVAIS E MODERNAS DE VILA DO CONDE (SÉCULOS XV A XVII)¹

Mário Jorge Barroca

Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CITCEM- Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória
mbarroca@letras.up.pt

ABSTRACT:

Inventory and study of the late-medieval and modern epigraphs of Vila do Conde's urban space, with inscriptions between 1406 and 1685.

Key-words: Epigraphy – Middle Age – Modern Age – Vila do Conde.

RESUMO:

Inventário e estudo das epígrafes tardo-medievais e modernas do aro urbano de Vila do Conde, com inscrições compreendidas entre 1406 e 1685.

Palavras-chave: Epigrafia - Idade Média – Época Moderna – Vila do Conde.

Implantado na margem direita do Ave, na fronteira entre as dioceses de Braga e do Porto, não longe do ponto onde este rio desagua no Atlântico, o espaço urbano de Vila do Conde conheceu ocupação desde época recuada. Para o período romano assinalam-se os vestígios de uma necrópole de inumação, aparecida em 1953-54 na zona das Caxinas, cujo espólio, maioritariamente da segunda metade do século III e do século IV, foi estudado e valorizado por Carlos Alberto Ferreira de Almeida (ALMEIDA 1973-74). Escassas duas centúrias volvidas sobre esses prístinos vestígios encontramos uma primeira referência documental, que supostamente remonta ao ano de 569. Com efeito, na *Divisio Theodomiri*, ao registar-se o limite austral da Diocese de Braga, diz-se que ele ia “*per aquam de Avia in castrum*” (LF 552, vol. I, p. 764) ou “*per aquam de Ave usque in Castro*” (LF 15, vol. I, p. 72). Ou seja, a fronteira diocesana corria pela margem do rio Ave até ao castro que se implantava junto da sua foz, no morro onde, mais tarde, na Baixa Idade Média, se ergueram os conventos de S. Francisco e de Santa Clara de Vila do Conde. No entanto, Pierre David sugeriu que esta delimitação, embora atribuída ao 1º Concílio de Lugo, tivesse sido redigida no período asturiano, na sequência das presúrias e da reorganização territorial (DAVID 1947, p. 56). A segunda referência documental conhecida, que remonta ao ano de 953, ficou a selar a doação de bens feita por D. Flamula Pais ao Mosteiro de Guimarães. Nela designa-se este castro como «Castro de S. João»: “... *in ripa maris prope ribulo ava subtus montis Terroso, id est Villa de Comite et ecclesia que est fundata in castro vocitato Sancto Johanne ...*” (PMH, DC 67). Mais tarde, no ano de 1100,

¹ Este estudo contou com a colaboração de Eliana Miranda de Sousa no que respeita a dados biográficos procedentes de documentação inédita em arquivo.

encontramos uma nova referência: “...*hereditate mea propria quam habeo in Villa quos vocitant de Conde que est in litore maris subtus mons castro Sancti Iohannis discurrente rivo Ave territorio Bra-carensi...*” (LF 155, vol. I, p. 262). Se, numa primeira fase, a póvoa estava militarmente dependente do Monte Terroso – como nos documenta o diploma de 953 –, pelo menos a partir do Século XI o Castro de S. João assumiu o controle do espaço territorial da *Villa de Comite*, no âmbito da qual se inseriam vários núcleos de povoamento: a *villa Quintanella* (Quintela, Argivai), a *villa Fromarici* (Formariz), a *villa Tauquina* (Touginha), a *villa Argevadi* (Argivai) e a *villa Anserici* (na zona de Argivai) (BARROCA 2017, pp. 221-222).

O topónimo *Vila do Conde* tem, portanto, origem no Século X, no quadro do processo de reordenamento do Noroeste a que vulgarmente chamamos *Reconquista*, conhecendo uma primeira menção nesse diploma de 953, exarado no *Livro de Mumadona* (PMH, DC 67). É provável que o conde a que ele alude fosse Afonso Betotes, o presor de Tui e do Alto Minho, de quem Flamula Pais era descendente (REAL 2013).

Ao longo dos tempos medievais Vila do Conde foi conhecendo um crescente dinamismo, fruto da sua implantação litoral. Num primeiro momento encontramos ecos da exploração dos recursos marinhos, com as insistentes referências às salinas e à exploração de sal: “... *et in Villa de Comite XII talios de salinas ...*” (LF 102, de 1078, p. 191); “... *et in foze de Ave V talios de salinas in illa corte quod fuit de Vermudo Ieremias ...*” (LF 615, de 1078, vol. II, p. 838); “... *XII talios de salinas in Villa de Conde ...*” (LF 616, de [1078], vol. I, p. 839). Mais tarde aproveitaria o seu posicionamento para desempenhar um papel dinâmico nos contactos marítimos, particularmente na centúria de Quinhentos (POLÓNIA 2007).

Não sendo nossa intenção traçar aqui um panorama histórico do passado de Vila do Conde, não podemos, neste introito, deixar de referir três momentos marcantes no devir de esta póvoa marítima. Em primeiro lugar, em Julho de 1207, a doação de D. Sancho I, que entregou Vila do Conde aos filhos que tivera de D. Maria Pais Ribeira, a célebre *Ribeirinha*: “... *concedo filiis et filiabus meis quos habeo de domna Maria Pelagii Villam de Comite que iacet in ripa maris circa focem de Ave...*” (DS 169). Como a doação era feita com reserva de usufruto da própria D. Maria Pais Ribeira, esta senhora ficou a ser, a partir de 1207, detentora da póvoa. A doação de D. Sancho I seria confirmada, em 9 de Fevereiro de 1219, por D. Afonso II (Cart. St^a. Clara Vila do Conde, doc. 3). O segundo momento marcante foi a fundação do Convento de Santa Clara de Vila do Conde, em 1318, por uma tetraneta de D. Maria Pais Ribeira, D. Teresa Martins (filha do Conde D. João Afonso de Meneses) e por seu marido, D. Afonso Sanches (filho bastardo de D. Dinis). A fundação é normalmente atribuída a 8 de Maio de 1318, a acreditar numa confirmação de D. Duarte, assinada em 10 de Agosto de 1437, que transcreve o diploma fundacional (Cart. St^a. Clara Vila do Conde, Doc. 29). Mas a verdade é que um documento de D. Dinis, datado de 9 de Abril desse mesmo ano de 1318, já refere o “... *moesteiro de Santa Crara das Donas de Villa de Conde, que Afonso Sanchez, meu filho, Senhor de Alboquerque, e Dona Tareyja ssa molher, filha do Conde Dom hoham Afomao, fundarom e fezerom por mjnha alma e polas suas...*” (Cart. St^a. Clara Vila do Conde, Doc. 11). A fundação deste Convento foi, como se sabe, determinante na evolução de Vila do Conde. Por fim, o terceiro momento que elegemos diz respeito à transição para a Época Moderna, marcada por três acontecimentos da primeira metade de Quinhentos: a decisão tomada em 1502, por D. Manuel I, de mandar erguer uma nova Igreja Matriz, deslocando-a para a actual implantação, que foi consumada entre 1502 e 1518 (cf., entre muitos, AA.VV. 2002; SOUSA 2013); a outorga do Foral Novo de Vila do Conde, também por D. Manuel I, em 10 de Setembro de 1516 (SILVA 2016); e, por último, a construção dos novos Paços Municipais, concluídos em 1543². A construção destes

2 Do dinamismo da vida municipal de Vila do Conde nos finais da Idade Média chegou até aos nossos dias um precioso testemunho: o Livro de da Vereação Municipal, de 1466, publicado e estudado por José Marques (MARQUES 1983). A construção do novo Paço Municipal, deslocando a sede municipal do Largo da Praça Velha para as imediações da nova Matriz consagra essa realidade.

Paços, juntamente com a edificação da Matriz, ajudou a configurar o novo centro político de Vila do Conde, uma realidade que se manteve até aos nossos dias (SOUSA 2013).

Sublinhemos, por fim, que o espaço urbano de Vila do Conde ficou registado numa das raras representações cartográficas que possuímos para o Portugal de Quinhentos – a planta *De Vila do Conde* que, malgrado não abranger toda a área urbana da póvoa, nos fornece numerosos e importantes dados. Tem paralelo estreito na planta *De Guimarães*, realizada pelo mesmo autor anónimo sensivelmente na mesma época, e encontram-se ambas no Real Gabinete Português da Biblioteca do Rio de Janeiro, para onde foram levadas nos inícios do Séc. XIX. Os elementos cronológicos que se conseguem apurar para a planta *De Vila do Conde* sugerem que tenha sido realizada entre 1561 e 1566-67, enquanto a sua congénere *De Guimarães* terá sido realizada entre 1562 e 1570 (BARROCA 2014, pp. 433-437).

O levantamento epigráfico que apresentamos de seguida respeita, apenas, às inscrições do aro urbano de Vila do Conde. Apesar de, como vimos, a povoação ter uma origem remota e bem documentada, o perfil da sua série epigráfica é eminentemente tardio. Com efeito, a mais antiga inscrição que sobreviveu até hoje remonta ao ano de 1406. E, ao longo de todo o século XV, são poucos os testemunhos epigráficos: apenas três inscrições (ou seja, 5,7 %). Pelo contrário, ao século XVI e XVII pertence um grupo importante de epígrafes, de conteúdos comemorativos ou funerários, que ajudam a caracterizar um dinâmico burgo ribeirinho, que soube aproveitar a sua determinante posição geográfica para assumir um papel de destaque no quadro da sociedade portuguesa de Quinhentos. Ao século XVI pertencem 17 epígrafes (32,1 %) e à centúria seguinte as restantes 33 inscrições (62,2 %). No que respeita à distribuição por grandes grupos temáticos, a predominância vai, naturalmente, para as inscrições de conteúdo funerário (36 exemplares, 67,9%), seguindo-se as de conteúdo devocional (12 exemplares, 22,6%). A um âmbito municipal pertencem três epígrafes (5,7%) e as duas restantes inscrições que completam esta recolha são de enquadramento singular (uma data a construção de uma casa particular, a outra é a empresa ou divisa de um conhecido nobre).

Ao lermos estas inscrições vilacondenses vemos emergir as famílias que integravam a sua oligarquia urbana, dominando o aparelho municipal e os grandes negócios marítimos, como os Folgueiras ou Felgueiras, os Gaios³, os Carneiros, os Farias, os Sá Barbosa ou os Ferreiras d'Eça, frequentemente unidos entre si por matrimónios. Assistimos às manifestações devocionais dos seus habitantes, erguendo capelas – como a dos Mareantes (1542), a de S. Roque (1580), a de N^a. S^a. do Socorro (1603) ou a de S. Bento (1621) –, em voto de gratidão por graças recebidas ou no cumprimento de promessas feitas em momentos difíceis (como foi o caso da Capela de S. Roque, construída na sequência da grande crise pestífera de 1580). E testemunhamos o pulsar da vida urbana, que transparece em duas importantes e invulgares inscrições seiscentistas, até agora pouco valorizadas: o marco da barca de passagem do rio Ave, de 1634; e a inscrição do Regimento Municipal, de 1636. Não será necessário sublinhar a singularidade destes últimos testemunhos epigráficos no contexto nacional e a sua importância para o conhecimento do passado de Vila do Conde.

Sendo uma série epigráfica tardia, também não é de estranhar que, das trinta e duas epígrafes sobreviventes, apenas três utilizem alfabeto gótico minúsculo anguloso, que dominou o reino desde 1409-10 até aos anos 20 da centúria seguinte, enquanto que 29 inscrições optem pelas letras capitais romanas.

Uma derradeira nota para a elevada percentagem de inscrições desaparecidas: ao todo, 21 epígrafes não conseguiram chegar aos nossos dias (39,6 %), contra as 32 sobreviventes (60,4%). O seu desaparecimento resulta da reformulação do pavimento da Igreja Matriz, onde esses epítá-

3 Estas duas famílias ligaram-se por matrimónio, dando origem aos Felgueira Gaio, família do conhecido genealogista Manuel José da Costa Felgueiras Gaio (1750-1831).

fios estavam registados. No entanto, o seu conteúdo é conhecido graças à pormenorizada “Memória” que o Padre Luís da Silva redigiu, em 1721, em resposta ao inquérito lançado pela Real Academia da História Portuguesa, fundada por D. João V com a incumbência de escrever uma «História Religiosa de Portugal». O seu minucioso labor permitiu que, apesar de estes epitáfios, todos da Igreja Matriz de Vila do Conde, terem desaparecido com as remodelações do pavimento, se tivesse preservado memória do seu teor.

As regras de transcrição adoptadas neste inventário são as mesmas que definimos e utilizámos no *Corpus Epigráfico Medieval Português* (BARROCA 2000). No final de cada verbete apresentamos a indicação bibliográfica, tão exhaustiva quanto possível, dos locais onde as epígrafes foram publicadas. No item relativo às referências foram apenas mencionamos os principais estudos onde as inscrições foram mencionadas, sem leitura, não almejando, aqui, sermos exhaustivos.

Insc. Nº 1 - [1406]

Local: Igreja do Convento de Santa Clara de Vila do Conde

Material: Granito

Dimensões: Tampa: Alt.: 118 cm (máx.); Larg.: 41 cm (máx.). Alt. média das letras: ^{1/} 4-4,5 cm;
^{2/} 8-8,5 cm; ^{3/} 9-10 cm.

Leitura:

[...]

^{1/} [...a]Badessa DONA

^{2/} B(e)RINGELA

^{3/} FER(r)AZ

Inscrição registada, com caracteres gravados (l.1) e em relevo (l.2 e 3), na tampa da sepultura da Abadessa D. Beringela (ou Berengária) Fernandes Ferraz. A tampa, fragmentada em cima e à esquerda, apresenta dois brasões: um com seis arruelas ou besantes, dispostos em duas palas de três (as armas da linhagem paterna, Ferraz) e outro com uma águia com asas distendidas (as armas da linhagem materna, talvez Azevedo).

D. Beringela (Berengueira ou Berengária) Fernandes Ferraz era filha de D. Fernão Ferraz, nobre que detinha o padroado das Igrejas de Refojos de Riba d’Ave, da Lustosa e de Astromil (GAIO 1938-41, vol. 14, p. 11). Desconhecemos o nome de sua mãe, também omitido por Felgueiras Gaio, que, como sugerimos a partir do brasão, poderia estar ligada aos Azevedos. D. Beringela era, assim, irmã de Vasco Fernandes Ferraz (Juiz e Vereador da cidade do Porto, escolhido em 1385 por D. João I como um dos três representantes do Povo para o seu Conselho do Rei). Professou no Convento de Santa Clara do Torrão (Entre-os-Rios, Penafiel), onde chegou a Abadessa e de onde transitou para as clarissas portuenses (FERREIRA 1925, p. 39, nota 1; MATTOS 1945, p. 57; BARROCA 2000, vol. II, tomo 2, p. 2106). Foi a terceira Abadessa Vitalícia do Convento de Santa Clara de Vila do Conde, tendo ocupado essas funções entre 1384 e 1406 (FERREIRA 1925, p. 39; MATTOS 1945, p. 57; BARROCA 2000, vol. II, tomo 2, p. 2016). A nomeação para a casa vilacondense suscitou viva resistência junto das freiras, que se recusaram, inicialmente, a prestar obediência. A este episódio de rebelião ficou associada a lenda do “Milagre das Freiras Mortas”, perpetuada em pintura na Sacristia do Convento.

Publ.: MATTOS 1945, p. 58; BARROCA 1987, pp. 441-442, nº 42 e p. 484, nº 52; BARROCA 2000, pp. 2103-2016, Insc. nº 740.

Insc. Nº 2 - Século XV

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde, Capela de S. Miguel-o-Anjo

Material: Calcário

Dimensões: Alt. média das letras: 1,2 cm.

Leitura:

^{1/} (h)EC : A(g)NUS : DEY : ECCE : QUI TOL(L)IS : PEC(c)ATA : MUNDI : MI(sericordi)E : NOBIS

Inscrição gravada, com caracteres góticos minúsculos angulosos, no nimbo da imagem de S. João Baptista, padroeiro da Igreja Matriz de Vila do Conde. Transcreve, adaptando, a passagem do Evangelho segundo S. João, quando S. João Baptista, vendo Cristo aproximar-se, exclamou: “*Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*” (Jo, 1:29). A imagem de S. João mostra-o em pé, segurando, na mão esquerda, o Livro Sagrado, sobre o qual se aninha um pequeno Cordeiro, para o qual o Santo aponta com o indicador da mão direita. A face, com cabelos longos e barba, apresenta ainda alguns vestígios de policromia. Sobre a longa capa emergem os membros inferiores,

representados com pelagem animal. A imagem está, desde há muitos anos, na Capela de S. Miguel-o-Anjo, anexa à nave lateral Norte da Igreja Matriz de Vila do Conde, mas deve ter sido concebida para figurar na Capela-Mor da primitiva igreja paroquial, que se erguia no alto do monte, junto do Convento de Santa Clara, e que era consagrada a S. João Baptista. Foi, posteriormente, transferida para a nova Matriz, erguida no primeiro quartel do séc. XVI (1502-1518), na sequência da decisão de D. Manuel I (1502), onde provavelmente terá integrado a Capela-Mor. A Capela de S. Miguel-o-Anjo, fundada por Vicente Folgueira, António Martins Gaio e Maria Folgueira (vd. Insc. Nº 9 e 14), foi apenas construída em 1561. A escultura, concebida em calcário, deve ter saído das oficinas de Coimbra e tem sido vulgarmente atribuída ao “Séc. XIV” ou aos “finais do Séc. XIV”. No entanto, a difusão do alfabeto Gótico Minúsculo Anguloso só ocorreu em Portugal a partir de 1409-10. Por isso, julgamos que a escultura deve ser atribuída à centúria de Quatrocentos.

Inédita.

Ref.: FERREIRA 1923, p. 24.

Insc. Nº 3 - Século XV (c. 1460)

Local: Igreja do Convento de Santa Clara de Vila do Conde, Capela da Conceição

Material: Calcário

Dimensões: Alt. média das letras: ^{1/} 4,5 cm; ^{2/} 4,5 cm; ^{3/} 4 cm; ^{4/} 3,5 a 4 cm; ^{5/} 7 a 7,5 cm; ^{6/} 5,5 a 6 cm.

Leitura:

Face principal do cenotáfio (lateral direito):

1º Medalhão:

^{1/} POIS QUE : NÕ : TEÑO : PODER

^{2/} SENHORA DE ME PARTIR

2º Medalhão:

^{3/} DE : VOS : AMAR HE : QUERER

3º Medalhão:

^{4/} POR : VOSTRO : QUERO : MORIR

Cartela central:

^{5/} : E : MOYro DE : MA : DAMA

Lateral oposto do cenotáfio (lateral esquerdo, repetido duas vezes):

^{6/} : P : ERA : SEMPRE :

Inscrição rimada gravada no túmulo de D. Fernando de Meneses, senhor de Cantanhede, e de D. Brites (ou Beatriz) de Andrade. À semelhança do moimento de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, o sarcófago apresenta tampa com dupla estátua jacente, retratando os inumados. Ao longo do lateral maior, em três dísticos circulares, encontram-se os cinco primeiros versos. O sexto foi gravado no lateral oposto. Tanto quanto sabemos, nunca foi feita leitura epigráfica correcta deste curioso e importante leteiro, limitando-se a maior parte dos autores a repetir uma versão livre apresentada por Mons. José Augusto Ferreira, que está longe de corresponder ao texto epigráfico: «PORQUE NÃO POSSO DEIXAR / SENHORA DE VOS SERVIR / DE VOS AMAR E QUERER / POR VOS-SO GOSTO MORRER» (FERREIRA 1923, p. 17; FERREIRA 1925, p. 35; MIRANDA 1998, p. 27). Esta leitura foi publicada por Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas (FREITAS 1992, p. 19) e por nós próprios (BARROCA 1987). Joaquim Pacheco Neves editou uma versão com grafia parcialmente actualizada: “*Pois que não tenho poder, / Senhora, de me partir / de vos amar e querer, / Por vostro quero morir / e moiro de ma dama.*”. A última regra, gravada no lateral oposto, nunca foi referida por estes autores.

A melhor biografia de D. Fernando de Meneses deve-se a Humberto Baquero Moreno (MORENO 1973, vol. II, pp. 881-883). D. Fernando de Meneses era filho de D. Martinho de Meneses, senhor de Cantanhede, e descendente dos fundadores do Convento de Santa Clara de Vila do Conde, D. Afonso Sanches e D. Teresa Martins. Casou com D. Brites (ou Beatriz) de Andrade, filha de D. Rui Freire de Andrade. Participou na conquista de Ceuta, em 1415 (onde foi nomeado cavaleiro), na tomada de Tetuão, em 1436, e na malograda expedição a Tanger, em 1437 (MORENO 1973, vol. II, p. 882). Em Alfarrobeira combateu ao lado de D. Afonso V (Idem, ibidem). Foi Mordomo-Mor da Rainha D. Isabel de Coimbra, mulher de D. Afonso V (RODRIGUES 2012, p. 337), e era irmão de D. Beatriz de Meneses, Aia da Rainha. Segundo Saul A. Gomes teria sido, ainda, Alferes-Mor de D. Afonso V (GOMES, 2009, p. 131). A última notícia que se conhece é a sua presença na conquista de Alcácer Ceguer, em 1458, ao lado de D. Afonso V (MORENO 1973, vol. II, p. 883). O seu túmulo, que vulgarmente tem sido atribuído a c. 1440, deverá, por isso, ser datado de c. 1460.

Publ.: FERREIRA 1923, p. 17; FERREIRA 1925, p. 35 e 36; BARROCA 1987, pp. 467-469; MIRANDA 1998, p. 27; FREITAS 1992, p. 19 (reed. in FREITAS 2001, p. 226); NEVES 1987, p. 56 (da ed. 2010).

Insc. Nº 4 – 1526

Local: Igreja do Convento de Santa Clara de Vila do Conde, Capela da Conceição

Material: Granito

Dimensões: - (Demasiado elevada para ser medida).

Leitura:

¹/ EM ESTA C(apel)a . IAZEm . O M(uit)o ESCLA(reci)do PR(incip)e) : DOM AFOM

²/ : SANCHES : F(ilh)o DELLREI DOM DINIS : DA GLLORIOSA MEMORIA[a]

³/ SEXTO REJ : DESTE REINO DE PORTVGALL : COM A MVINTO ESCELE(n)TE

⁴/ SEN(h)ORA SVA MOL(he)R . DONA TARE /

⁵/ [...] HORA

⁶/ DONA : ISABEL : DE CAST(r)o F(ilh)a DE D(om) R(odrig)o de CAST(r)O E DE DONA LIANOR:

COUTINHA : P(r)iM(ei)ra : ABB(adess)A DA OBSERVAnCIA : Em ESTA SAnTA CASA : 1. 5. 2. 6

Inscrição assinalando a presença dos túmulos de D. Afonso Sanches e D. Teresa Martins, fundadores do Convento de Santa Clara de Vila do Conde, na Capela da Conceição, anexa à nave da igreja conventual. A Capela da Conceição foi erguida em 1526 por iniciativa de D. Isabel de Castro, a primeira Abadessa de Santa Clara depois da adopção da Observância, no mesmo ano em que decidiu a construção do Coro de Cima da igreja. Respeitando uma recomendação dos próprios, os corpos dos fundadores tinham repousado fora do templo, na Galilé do Mosteiro, em sarcófagos encomendados por seu filho, D. João Afonso. Foram trasladados para o novo espaço sepulcral, tendo sido depositados nos cenotáfios criados por esta altura e que, actualmente, ainda ali se podem admirar.

A inscrição, gravada com caracteres góticos minúsculos angulosos, de grande módulo, desenvolve-se em filacteria que arranca na parede ocidental da capela, a meia altura da parede, contorna a fresta, segue pela parede Norte e conclui na parede Leste da capela. A maior parte do texto da parede Norte perdeu-se irremediavelmente depois de esta parede ter sido picada para receber o revestimento azulejar. O seu conteúdo pode, no entanto, ser apreendido na inscrição seiscentista que se colocou na parede Leste e que transcrevemos mais à frente (vd. Insc. Nº 31).

A inscrição de 1526 esteve visível até 1623, altura em que a Abadessa D. Catarina de Lima mandou revestir a Capela da Conceição com azulejos. Ocultada desde então, o seu conteúdo ficou memorizado na inscrição de 1623. Compreende-se, por isso, que a maior parte dos autores

tenha publicado o texto da inscrição seiscentista. Mesmo a lição de D. António Caetano de Sousa, publicada na sua monumental *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, que se queda pela indicação do ano de 1526, deve ter sido lida a partir do letreiro seiscentista. É o que nos revela o facto de transcrever “*madama*” em vez de “*senhora*”. De resto, quando escreveu a sua obra, o letreiro de 1526 ainda estava encoberto pelos azulejos. Foi apenas com a remoção destes, durante o restauro promovido pela DGEMN entre 1929 e 1932, que a inscrição de 1526 voltou a estar visível. Apesar disso, os autores que publicaram esta inscrição continuaram a optar pela leitura do letreiro seiscentista, pelo que julgamos que a inscrição de 1526 chegou até nós inédita⁴.

Jorge Cardoso referiu, no *Agiológico Lusitano* (1652, p. 8), um epitáfio ligeiramente distinto: “*Aqui jaz o muito esclarecido Príncipe D. Afonso Sanchez filho del Rei D. Dinys de gloriosa memoria, Rei de Portugal, cõ a muito excellente Senhora sua mulher D. Theresa Martinz, neta del Rei D. Sancho de Castella, primeiros fundadores deste Convento*”. Atendendo às ligeiras variações, tratar-se-ia de um epitáfio anterior, entretanto desaparecido, que serviu de modelo para a inscrição de 1526?

D. Afonso Sanches era, como se sabe, filho bastardo de D. Dinis, gerado na relação mantida pelo monarca com D. Aldonça Rodrigues da Telha. Nasceu antes de 1289 e casou com D. Teresa Martins, filha de D. João Afonso de Meneses (Conde de Barcelos e Senhor de Albuquerque) e de D. Maria Coronel. Filho dilecto do monarca, foi seu Mordomo-Mor. Foi detentor de grande fortuna e senhor das vilas de Albuquerque (que amuralhou e cujo castelo reformou) e de Vila do Conde. Aqui fundou, com sua mulher, a 7 de Maio de 1318, o Convento de Santa Clara de Vila do Conde. Faleceu cerca de 1329, no exílio, em Albuquerque. Sua mulher, D. Teresa Martins, faleceu duas décadas mais tarde, cerca de 1350-51. Foram, mais tarde, trasladados para a Galilé do convento que tinham fundado.

Sobre a fundação do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde veja-se, entre outros, COSTA 2004.

Inédita.

Ref.: MONTEIRO 1909, p. 165 (da ed. de 1980); FERREIRA 1923, p. 17.

Insc. Nº 5 - [1532-1543]

Local: Azenha do Rio Ave

Material: Granito

Dimensões: Brasão: Alt.: 50 cm; Larg.: 48 cm. Alt. média das letras: 14 cm.

Leitura:

¹/ ALEEO

Inscrição gravada no escudo colocado sobre a porta de entrada da Azenha do Ave, na margem Sul do rio, junto do açude. Este esquecido edifício, em estilo manuelino, é um raro exemplo de uma azenha de Quinhentos. Como veremos de seguida, a sua construção pode ser atribuída à década que medeia entre 1532 e 1543.

As azenhas estão documentadas no rio Ave desde, pelo menos, o reinado de D. Afonso III. Efectivamente, este monarca aforou, a 12 de Junho de 1270, a André Martins e a sua mulher, Maria Lourenço, duas séssegas de azenha junto de uma [projectada] Ponte do Ave, entre Azurara e Vila do Conde (Chanc. Afonso III, Livro I, tomo 2, doc. 439, pp. 42-43). O itinerário destas azenhas é relativamente obscuro, mas sabemos que estavam de novo na posse da coroa no reinado de D.

⁴ Não conseguimos consultar Fr. Fernando da Soledade, Memória dos Infantes D. Affonço Sanches e Dona Thereja Martins fundadores do Real Mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde, Lisboa, 1726.

João I. Este monarca, a 23 de Novembro de 1385, doou as azenhas do Ave à Abadessa e às freiras de Santa Clara de Vila do Conde (Chanc. D. João I, vol. I, tomo 3, doc. 1105, pp. 81-82). D. Duarte haveria de confirmar esta doação às clarissas em 4 de Junho de 1436 (Chanc. D. Duarte, vol. I, tomo 2, doc. 1019, pp. 281-282).

No entanto, de acordo com Eugénio Andrea da Cunha e Freitas, no *Tombo Verde* do Mosteiro de Santa Clara, realizado em 1518, registava-se em relação às azenhas do Ave que “as soya pesoyr o mosteiro e ora as tras Aires da Sylva regedor” (FREITAS 1999, p. 146). Aires Gomes da Silva detinha, então, o senhorio de Azurara, e era nesse âmbito que estava na posse das azenhas do Ave. O senhorio de Azurara e Pindelo passou para seu filho, Aires da Silva, Regedor da Casa da Suplicação no tempo de D. João III. Em 1532 este nobre vendeu o senhorio de Azurara e Pindelo, incluindo as azenhas do Ave, a D. Pedro de Meneses, 3º Marquês de Vila Real. Na posse destas azenhas, D. Pedro de Meneses deve ter promovido a reconstrução das mesmas, o que justificaria a colocação do seu brasão sobre a porta de entrada. No entanto, o brasão dos Meneses era, como se sabe, um escudo pleno, de ouro, e por isso a simples figuração deste sobre a porta da azenha, sem o registo cromático, poderia não ser suficientemente elucidativa sobre a identidade do seu novo proprietário. Julgamos que foi esse o motivo que levou D. Pedro de Meneses a mandar gravar, no campo principal do escudo, a sua divisa, «ALLEO!».

A inscrição corresponde, portanto, à empresa ou divisa utilizada, em primeira mão, por D. Pedro de Meneses, 1º Conde de Vila Real (desde 1424) e 2º Conde de Viana do Alentejo (desde 1433). Se bem que as empresas fossem, de início, símbolos para-heráldicos de uso individual, a empresa de D. Pedro de Meneses foi, por vontade expressa do conde, utilizada por ele e por outros elementos da sua linhagem. Por isso, a vamos encontrar em diversos locais: no seu monumental sarcófago (encomendado por sua filha, D. Leonor de Meneses, que se conserva na Igreja da Graça, em Santarém); no túmulo criado para seu filho, D. Duarte de Meneses, e no cofre que guardava o seu dente (no Convento de S. Francisco, em Santarém); no Palácio dos Marqueses de Vila Real, em Leiria (demolido em 1889)⁵; e no Palácio dos Marqueses de Vila Real, em Ceuta (praça-forte de que D. Pedro de Meneses foi o primeiro Governador, depois da conquista em 1415). A empresa de D. Pedro de Meneses foi, como bem sublinhou Miguel Metelo de Seixas, um dos raros exemplos de empresa que, no Portugal tardo-medieval, se transmitiu hereditariamente. No caso da Azenha do Ave, a inscrição foi criada muito depois da morte de D. Pedro de Meneses (ocorrida em 1437), como nos testemunham as ameias manuelinas e a própria tipologia do escudo. Os dados documentais reunidos por Eugénio Andrea da Cunha e Freitas a permitem associar esta inscrição a seu neto homónimo, D. Pedro de Meneses. Este recebeu os títulos nobiliárquicos por morte de seu pai, D. Fernando de Meneses, falecido em 1523. Foi 3º Marquês de Vila Real, 5º Conde de Vila Real e 3º Conde de Valença. Casou, em 1520, com D. Beatriz de Noronha e veio a falecer em fins de Junho de 1543 (FREIRE 1973, v. 3, pp. 387-388). Assim, a reconstrução das azenhas do Ave pode ser atribuída ao período que se prolonga entre 1532 (data da aquisição de Azurara e Pindelo por D. Pedro de Meneses) e 1543 (ano da sua morte).

Sobre a empresa “*Aleo! Aleo!*” e o seu significado histórico-heráldico veja-se TÁVORA 1970 e, sobretudo, SEIXAS 2005.

Publ.: GUIMARÃES, FREITAS e NEVES 1948, p. 304; FREITAS 1949(a), p. 35; FREITAS 1960, pp. 33-35 (reed. in FREITAS 1999, pp. 146-150); SOUSA 2013, p. 16.

5 Uma lápide proveniente do Paço de Leiria, com a divisa “Aleo”, encontra-se hoje recolhida no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses – cf. Mário Jorge Barroca, [Verbetes da peça nº 1301] “Empresa de D. Pedro de Meneses”, in ARNAUD e FERNANDES 2005, pp. 378-379. Outras lápides semelhantes foram recolhidas no Museu de S. João de Alporão, em Santarém.

Insc. Nº 6 - 1542

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde, Capela dos Mareantes, do Corpo Santo ou de N.ª S.ª da Boa Viagem

Material: Calcário

Dimensões: Lápide: Alt.: 41 cm; Larg.: 61 cm. Alt. média das letras: 3,5 a 4 cm.

Leitura:

¹/ ESTA CAPELA DO C

²/ ORPO S(an)to MANDARÃO

³/ FAZER OS MAREANTES

⁴/ DESTA V(il)a DO CONDE POR

⁵/ SVA DEVOÇÃO NA HE

⁶/ RA DE 1542

Inscrição gravada em lápide colocada no interior da Capela dos Mareantes, também conhecida como Capela do Corpo Santo ou de N.ª S.ª da Boa Viagem, da Igreja Matriz de Vila do Conde. A Capela abre-se à direita da Capela-Mor, na parede Sul da nave, e a inscrição encontra-se embutida na sua parede Leste. Comemora a construção daquela capela pela influente comunidade de mareantes de Vila do Conde.

Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas publicou uma versão com grafia actualizada, lendo “MANDARAM”.

A construção da Capela dos Mareantes de Vila do Conde deve ser enquadrada num movimento mais vasto que se detecta no Norte de Portugal nos inícios do Séc. XVI, espelhando não só a devoção das comunidades de marinheiros, mas também o seu crescente poder económico e influência social. Neste movimento se enquadra a construção da Capela dos Mareantes na Igreja Matriz (hoje Sé) de Viana do Castelo, fundada em 1504, e da Capela dos Mareantes da Igreja Matriz de Caminha, fundada em 1511 (ambas documentadas epigraficamente). Outras capelas, um pouco mais tardias, em Esposende e na Foz do Douro, reflectem a mesma realidade. Assim, na foz do Minho, do Lima, do Cávado, do Ave e do Douro, onde se instalaram os principais portos do Norte de Portugal, as comunidades de marinheiros encarregaram-se de, ao longo do Séc. XVI, mandar construir “Capelas de Mareantes”.

Publ.: MATTOS 1946, Insc. nº II, p. 22; FREITAS 1961, p. 194 (reed. in FREITAS 1996, p. 45; reed. in FREITAS 2001, p. 125); SANTOS 1993, p. 56 (leitura em documento do séc. XVII); NEVES 1987, p. 68 (da ed. 2010); SOUSA 2013, p. 67.

Ref: FERREIRA 1923, p. 23; NEVES 1996, pp. 55-56; COSTA 1994, p. 41; QUEIRÓS 2002, p. 135.

Insc. Nº 7 - 1543

Local: Câmara Municipal de Vila do Conde

Material: Granito

Dimensões: Campo da cartela: Alt.: 15 cm; Larg.: 39 cm. Alt. média das letras: 12 cm.

Leitura:

¹/ 1 5 4 3

Inscrição contendo a data de conclusão das obras de construção do edifício da Câmara Municipal de Vila do Conde, colocada sobre a sua porta de entrada principal. A data foi gravada em cartela com a forma de fita enrolada. Apesar de a data ser referida em vários trabalhos, nomeadamente por R.V. [Reynaldo Vieira] e, mais recentemente, por Marta Miranda, tanto quanto sabemos

esta inscrição só foi verdadeiramente publicada por Eliana Sousa (2013, Fig. 66, em cuja legenda se apresenta a leitura da epígrafe).

A construção do actual edifício da Câmara Municipal de Vila do Conde foi decidida em reunião de vereação de 12 de Agosto de 1538 e recebeu autorização régia de D. João III a 21 de Setembro de 1538. A 3 de Dezembro de 1538 seria assinado o contrato para a construção do novo edifício camarário e do pelourinho com os mestres de pedraria Gonçalo Afonso e Aparício Gonçalves. No entanto, o início da sua construção ainda demorou algum tempo, travado pelo processo de expropriação dos terrenos a Catarina Vaz. Em 1540 já estava a ser erguida a obra de pedraria e em 1543 foi posta a pregão a conclusão da obra de carpintaria. A data que figura na fachada, sobre a porta principal, deve comemorar o fim da sua construção. Por cima dela, no frontão, encontram-se as armas reais portuguesas, ladeadas por duas Esferas Armilares. A sua presença explica-se pelo facto de todos os paços municipais serem, em Portugal, propriedade da Coroa. Com efeito, na lei dos *Direitos Reais* estipula-se que, entre muitos outros bens, pertencem à Coroa “*Os Paaços, que som deputados em qualquer Cidade, ou Villa pera se fazer direito, e justiça, que se dizem no vulgar Paaços do Concelho*” (Ord. Afonsinas, Livro II, Título 24, § 27; Ord. Manuelinas, Livro II, Título 15, § 10). Sobre a construção dos Paços de Vila do Conde e o seu significado no contexto da dinâmica de renovação urbana da vila no séc. XVI veja-se, por todos, SOUSA 2013.

Publ.: SOUSA 2013, Fig. 66.

Ref.: R.V. 1912, p. 1; MIRANDA 1998, p. 41-42.

Insc. Nº 8 - 1550 (?)

Local: Igreja da Misericórdia? (hoje depositada no Museu de Vila do Conde)

Material: Granito

Dimensões: Tampa: Alt.: 176 cm; Larg.: Cab.: 73 cm; Pés: 65 cm. Alt. média das letras: 6 cm.

Leitura:

¹/ ESTA SOPVLT

²/ VRA HE DE FR(ancis)Co DE BAIROS CARNE

³/ IRO E DE

⁴/ SVA MOLHER OS PRIMEIROS DE [...]

⁵/ 15 50

Inscrição funerária de Francisco de Barros Carneiro e de sua mulher, gravada na orla da tampa de sepultura. A primeira referência a esta tampa ficou a dever-se a Bertino Daciano, que a viu embutida num muro do quintal da casa do Sr. Ayres Egídio da Silva Gomes, situada na Praça Dr. António José de Almeida (antigo Largo da Misericórdia) e que a publicou em 1949 lendo: “*Esta sepultvra he de Frc de Barros Carneiro e de sva molher os primeiros della – 1530*” (GUIMARÃES 1949, p. 39; GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 5). Por baixo dessa tampa estava uma outra inscrição que esclarecia: “*Encontrada quando em 1901 se demoliu a capella que existira no hospital (?) do Esp. Stº.*” (GUIMARÃES 1949, p. 39; GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 5). E, por cima da tampa, embutida no mesmo muro, estava um pequeno arco monolítico proveniente da torre sineira da Capela do Espírito Santo.

Bertino Daciano publicou uma fotografia da velha Capela do Espírito Santo vendo-se, à esquerda, na continuação da sua cabeceira, o Hospital do Espírito Santo e, à direita da fachada principal do templo, a primitiva Casa da Misericórdia de Vila do Conde. Segundo aquele investigador apurou no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia, esta instituição recebeu Bula em 1510, comportando já na altura um Hospital dedicado ao Espírito Santo, situado junto da Capela da mesma invoca-

ção. Em 1525, Álvaro Fernandes de Rua e sua mulher doaram um terreno em frente, para nele se erguer a nova Igreja da Misericórdia, construída a expensas de Pedro Anes, Abade de Retorta. O Hospital do Espírito Santo manteve-se em funcionamento até à instituição do novo Hospital de Nossa Senhora da Conceição, em 1617, erguido a Norte da Igreja da Misericórdia. O velho conjunto edificado, comportando o Hospital do Espírito Santo, a Capela da mesma invocação e a primitiva Casa da Misericórdia, foram demolidos em 1901 e, em seu lugar, construiu-se uma casa de morada onde, em 1949, estava embutida a tampa da sepultura de Francisco de Barros Carneiro. Hoje a tampa foi recuperada e pertence à coleção da Câmara Municipal de Vila do Conde.

A tampa, em granito, apresenta na metade superior do campo central uma adarga (escudo bi-oval, encourado, de origem muçulmana), sendo bem visíveis os dois umbos com franja pendente. A adarga foi colocada sobre uma espada de guardas levemente arqueadas. Um pouco abaixo, e com a cabeça ainda repousando sobre a lâmina da espada, foi representado um carneiro, em óbvia referência ao apelido do inumado. Na orla, aproveitando a moldura lisa, foi gravada a inscrição que aqui publicamos. Como se pode verificar, Bertino Daciano leu “1530” e nós “1550”. Apesar do mau estado de conservação da inscrição, e atendendo aos dados documentais conhecidos, julgamos que a nossa versão é mais plausível.

Francisco de Barros Carneiro era filho bastardo de Álvaro Carneiro, e foi Moço de Câmara de D. João III, por alvará de 8 de Julho de 1531 (GAIO 1938-41, vol. IX, p. 10). Casou com Genebra Roiz (ou Rodrigues), filha bastarda de João Roiz (ou Rodrigues), Abade de Balazar, que instituíra em 1526, em sua filha, o Morgado do Espírito Santo de Vila do Conde (GAIO 1938-41, vol. IX, p. 10). Tiveram dois filhos, um dos quais, Pedro de Barros Carneiro, foi Escrivão da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde em 1576/77 e 1578/9 (SCMVC 2010, p. 528) e Provedor da mesma em 1585 (Idem, p. 30). Segundo Felgueiras Gaio e Bertino Daciano, Francisco de Barros Carneiro faleceu em 1547. Assim, a data proposta por este último autor (1530) parece pouco plausível. O ano de 1550 corresponderá, eventualmente, à trasladação do seu corpo para a Capela do Espírito Santo.

Publ.: GUIMARÃES 1949, pp. 39-40; GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 5.

Insc. Nº 9 - 1568 (post. a)

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida).

Leitura:

“Vicente Folgr.^a e Britis Folgr.^a sua M.^{er}”

Inscrição funerária (hoje desaparecida) de Vicente Folgueira (ou Felgueira) e de sua mulher Brites (ou Beatriz) Folgueira, registada pelo Pe. Luís da Silva, em 1721. A tampa apresentava, por cima do letreiro, as armas dos Folgueiras ou Felgueiras. Encontrava-se no pavimento da Igreja Matriz, junto do arco cruzeiro. Esta inscrição não deve ser confundida com a inscrição seguinte, de Vicente Folgueira, seu neto homónimo.

Felgueiras Gaio registava que Vicente Folgueira (ou Vicente Felgueiras de Valadares), filho de Fernão Felgueiras de Valadares, casou com sua prima, Brites (ou Beatriz) Folgueira (ou Felgueiras), tendo vivido na Rua da Laje, em Vila do Conde (GAIO 1938-41, t. 14, p. 143). Foi Almotacé, Vereador e Juíz entre 1540 e 1567 (SCMVC 2010, p. 354) e Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde em 1562/63, 1563/64 e 1565/66 (SCMVC 2010, pp. 525 e 526). Encontra-se documentado como oficial da Câmara Municipal de Vila do Conde em 10 de Maio de 1565 (ADP,

Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 2, fl. 183v/184v). Foi, efectivamente, casado com Brites (ou Beatriz) Folgueira, como revela a nossa inscrição, e ainda era vivo em 17 de Maio de 1568 (ADP, Not. Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 4, fl. 201/203)⁶. Os dois, juntamente com seu genro António Martins Gaio (Insc. Nº 14), foram responsáveis pela instituição da Capela de S. Miguel-o-Anjo, erguida na parede Norte da nave da Igreja Matriz de Vila do Conde. O pedido de autorização para a sua construção, assinado por Vicente Folgueira e seu genro, foi apresentado à Câmara de Vila do Conde em 22 de Junho de 1556 (FREITAS 2001, p. 126), mas as obras apenas arrancaram em 1561. A capela era cabeça do Morgado de Fervença (Gilmonde, Barcelos), de que foram administradores António Martins Gaio e Maria Folgueira.

Publ.: SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 264); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 79.

Insc. Nº 10 - 1568 (post. a)

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde, Capela de S. Miguel-o-Anjo

Material: Granito

Dimensões: Alt.: 24 cm; Larg.: 80 cm (máx. visível). Alt. média das letras: 8 cm.

Leitura:

¹/ VICENTE F

²/ OLGVEIRA

Inscrição funerária de Vicente Folgueira, que se encontra embutida no pavimento da Capela de S. Miguel-o-Anjo, por baixo do arco de entrada e à direita (a sul) da tampa epigrafada de António Martins Gaio e de Maria Folgueira (Insc. nº 14). Trata-se do filho destes instituidores da capela, homónimo de seu avô. Esta inscrição, que encerra apenas o nome de Vicente Folgueira, não deve ser confundida com a do seu avô (Insc. Nº 9). O Pe. Luís da Silva, na resposta ao inquérito de 1721, referiu claramente a existência de duas inscrições: uma, a da sua 8ª sepultura, que diria “*Vicente Folgr.^a e Britis Folgr.^a sua M.^{ern}*”; outra, a sua 10ª sepultura, que diria apenas “*Vicente Folgr.^a*” (SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39; FREITAS 2001, p. 264 e 265). Esta última corresponde ao nosso letreiro. Se, como depreendemos, se trata do neto (homónimo) de Vicente Folgueira e de Brites ou Beatriz Folgueira, a sua morte deve ter ocorrido depois de 1568. Felgueiras Gaio, no seu *Nobiliário das Famílias de Portugal* regista apenas que António Martins Gaio, filho de João Martins Gaio e de Maria Afonso da Maia, casou com Maria Felgueira de Valadares e que tiveram oito filhos, o terceiro dos quais “*Vicente Felgr.^a [que] morreo estando aceito p.^a Cav.^o de Malta*” (GAIO 1938-41, t. 15, p. 20). Deve ter, portanto, falecido relativamente jovem.

Publ.: SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 265); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; FREITAS 1961, p. 193 (reed. in FREITAS 1996, p. 44; reed. in FREITAS 2001, p. 126); SANTOS 1996, p. 79; QUEIRÓS 2002, p. 137; SOUSA 2013, p. 67.

Ref.: FERREIRA 1923, p. 23.

6 Dados facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

Insc. Nº 11 – 1580

Local: Capela de S. Roque

Material: Granito

Dimensões: Lápide: Alt.: 29 cm; Larg.: 96 cm. Alt. média das letras: 7 cm.

Leitura:

¹/ FEITA POLOS DEVOT

²/ OS DESTA VILLA POLA

³/ PESTE DE 80

Inscrição colocada no exterior, sobre a porta lateral esquerda da Capela de S. Roque, gravada em cartela de granito.

Monsenhor José Augusto Ferreira e, na sua esteira, Joaquim Pacheco Neves leram “*FEITA PELOS DEVOTOS DESTA VILA PELA PESTE DE 1580*”. Pela nossa parte, lemos apenas “80”. A inscrição diz, portanto, respeito à epidemia pestífera que grassou no reino em 1579-80 (ROQUE 1982; DIAS 1998, p. 654) e que atingiu Vila do Conde em Maio de 1580, causando grande mortandade. Com efeito, em 1581 a Câmara de Vila do Conde solicitou a Filipe I que não fossem tomadas decisões sobre o dinheiro das rendas das sisas, gasto na peste de 1580, que matara 700 pessoas em Vila do Conde. O problema foi colocado pela Câmara por três vezes, e recebeu resposta positiva de Filipe I, que concedeu sucessivos adiamentos em 22 de Agosto, 2 de Setembro e 31 de Outubro de 1581 (AMVC, Pergaminhos, Pasta 4, docs. A-134, A-135 e A-136)⁷. A dimensão da epidemia, que matara um quarto da população de Vila do Conde, parece justificar a construção da capela dedicada a S. Roque, que era, como se sabe, o santo padroeiro invocado na protecção da Peste (ROQUE 1979, pp. 258-266). No seu altar, para além do Patrono (naturalmente no nicho central) encontra-se também uma imagem de S. Sebastião, outro santo protector dos males pestíferos.

Publ.: FERREIRA 1923, p. 30; NEVES 1987, p. 121 (da ed. 2010).

Insc. Nº 12 - [1580]

Local: Capela de S. Roque

Material: Granito

Dimensões: - (Demasiado elevada para ser medida)

Leitura:

¹/ PER CRVCE TV[am]

²/ NOS REDEMIT

³/ IHeSus

Inscrição piedosa com letras em relevo, algo erosionadas, colocada sobre a porta de entrada da Capela de S. Roque. Joaquim Pacheco Neves refere-se a esta inscrição, mas dá uma leitura totalmente distinta: “*JESUS HOMINUM SALVATOR*”.

Publ.: NEVES 1987, p. 121 (da ed. 2010).

⁷ Dados facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

Insc. Nº 13 - [1580]

Local: Capela de S. Roque

Material: Granito

Dimensões: Lápide: Alt.: 22 cm; Comp.: 116 cm. Alt. média das letras: 11 cm (“O”) a 15,5 cm (“E”).

Leitura:

¹/ SAM ROQ(u)E

Inscrição, com letras em relevo, esculpidas em lápide de granito que se conserva embutida na face interior da parede da Capela de S. Roque, por cima da porta lateral direita. Revela o Patrono do templo, erguido na esteira da grande crise pestífera de 1580.

Inédita.

Insc. Nº 14 - [1580-1585]

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde, Capela de S. Miguel-o-Anjo

Material: Granito

Dimensões: Tampa: Alt.: 190 cm; Larg.: 96 cm. Campo epigráfico: Alt.: 41 cm; Larg.: 96 cm (máx. visível). Alt. média das letras: 5 cm (S = 11 cm).

Leitura:

¹/. S(epultura) . DE . ANT(oni)o . M(a)R(tin)Z . GAIO .

²/ . E DE . SVA . MOLHER . M(aria) . FOL

³/ GVEIRA . E (h)E(rdei)ROS

Inscrição funerária de António Martins Gaio e de sua mulher, Maria Folgueira, genro e filha dos instituidores da Capela de S. Miguel-o-Anjo, erguida anexa à parede Norte da Igreja Matriz de Vila do Conde. Na metade superior desta tampa foi esculpido um brasão com as armas dos Folgueiras (ou Felgueiras) e dos Gaios. A inscrição foi referida pelo Pe. Luís da Silva na Memória Paroquial de 1721, que leu “*Sep. de Antonio Miz. Gajo e de sua m.^{er} M.^a Folgr.^a e herdr.^{os}*” (SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. FREITAS 2001, p. 264)).

A Capela de S. Miguel-o-Anjo foi construída por iniciativa de Vicente Folgueira, sua mulher Beatriz, e seu genro António Martins Gaio (cf. Insc. Nº 9). Apesar do início da construção desta Capela remontar a 1561, sabemos, por codicilo ao testamento de António Martins Gaio e de Maria Folgueira, que em 1574 ainda estava por pintar o seu retábulo (FERREIRA 1923, p. 23, nota 2).

António Martins Gaio era filho de João Martins Gaio e de Maria Afonso da Maia, tendo sido nomeado Cavaleiro Fidalgo da Casa Real em 1535 (GAIO 1938-41, t. 14, p. 143). Os elementos que conseguimos apurar para a biografia de António Martins Gaio revelam que o mesmo ainda era vivo em 5 de Julho de 1580 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 10, fl. 39-39v) mas que já tinha falecido em 15 de Maio de 1585, data em que Maria Folgueira figura como viúva (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 11, fl. 79v-81). Maria Folgueira sobreviveu bastantes anos, sendo ainda viva em 3 de Janeiro de 1605 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 3ª Série, Livro 5, fl. 41-42)⁸.

Felgueiras Gaio, no *Nobiliário das Famílias de Portugal* confirma estes dados, registando que António Martins Gaio, filho de João Martins Gaio e de Maria Afonso da Maia, casou com Brites Felgueira, de quem teve oito filhos, tendo sido instituidor do Morgado da Casa de Fervença e da Capela de S. Miguel-o-Anjo da Matriz de Vila do Conde, onde foi enterrado (GAIO 1938-41, t. 15, p. 20; GAIO 1938-41, t. 14, p. 143). Segundo este autor, a instituição da Capela teria ocorrido a 25 de Janeiro de 1561. Maria Folgueira teria falecido no ano de 1605 (GAIO 1938-41, t. 14, p. 143).

⁸ Dados facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

Publ.: SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 264); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; FREITAS 1961, p. 193 (reed. in FREITAS 1996, p. 44; reed. in FREITAS 2001, p. 126); SANTOS 1996, p. 79; QUEIRÓS 2002, p. 137; SOUSA 2013, p. 67.

Ref.: FERREIRA 1923, p. 23; NEVES 1987, p. 68 (da ed. 2010).

Insc. Nº 15 – 1582

Local: Casa da Rua Joaquim Maria de Melo, nº 173

Material: Granito

Dimensões: Lintel: Alt.: 37 cm; Larg.: 140 cm. Alt. média das letras: 11 a 12,5 cm

Leitura: ¹/ 1 : S : 8 2 :

Inscrição gravada no lintel da porta da casa nº 173 da Rua Joaquim Maria de Melo (outrora Rua de S. Bento), assinalando o ano de 1582, data da construção da habitação, ainda com algumas características “manuelinas”.

Inédita.

Insc. Nº 16 - 1590, Novembro, 9

Local: Convento de S. Francisco, Capela dos Ferreira d'Eça

Material: Granito

Dimensões: -

Leitura:

¹/ . S(epultura) . D(e) ESTEVÃ(o) .

²/ F(errei)ra DECA . FA

³/ LECEO A 9 de

⁴/ NOVEmBRO DE

⁵/ . 1590 .

Inscrição gravada na tampa de sepultura de Estêvão Ferreira d'Eça, embutida no pavimento da Capela dos Ferreira d'Eça, anexa à nave da igreja do Convento de S. Francisco.

Estêvão Ferreira d'Eça foi Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde em 1586/87 (SCMVC 2010, p. 530).

Inédita.

Insc. Nº 17 - [c. 1590]

Local: Convento de S. Francisco, Capela dos Ferreira d'Eça

Material: Granito

Dimensões: -

Leitura:

¹/ S(epultura) DE ANT(oni)o P(erei)Ra

²/ E DE DONA IO

³/ ANA DECA

Inscrição gravada na tampa da sepultura de António Pereira e de sua mulher, D. Joana d'Eça, embutida no pavimento da Capela dos Ferreira d'Eça.

Inédita.

Insc. Nº 18 - 1599, Junho, 4

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“*Aqui jas. João da Maya Madur.^a cazado q foi com Leonor de Vasconcelos. Fistas suas adesim [sic] herdr.^{os} faleceo a 4 de Junho da Era de 99*”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*.

João da Maia Madureira, que, como a sua inscrição revela, casou com Leonor Mendes de Vasconcelos, estava ligado à actividade mareante em Vila do Conde e era cunhado de Manuel Gaio Folgueira. Encontra-se documentado desde 15 de Janeiro de 1580 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 9, fl. 200v-202). Em 21 de Julho de 1586 era Juiz da Alfândega de Vila do Conde (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 13, fl. 118v-120v). E quatro anos depois, a 21 de Julho de 1590, era cavaleiro fidalgo da Casa Real (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 16, fl. 23-25). Em 26 de Julho de 1597 ainda era vivo e continuava a desempenhar as funções de Juiz da Alfândega (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 21, fl. 223v-225). Faleceu em 4 de Junho de 1599. Sua mulher, Leonor Mendes de Vasconcelos, ainda era viva em 9 de Fevereiro de 1617 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 30, fl. 12-13v)⁹.

Publ.: SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 264); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 78.

Insc. Nº 19 - Séc. XVI (post. a 1571)

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“*Affonso de Faria*”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*, que se encontrava na Capela de N.ª Sr.ª do Rosário e se resumia ao nome do inumado.

Afonso de Faria era filho de Branca Pires e foi clérigo de missa. Encontra-se documentado vivo em 20 de Abril de 1571 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 6, fl. 74v-76)¹⁰.

Publ.: SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 265); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 79.

9 Dados facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

10 Dados facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

Insc. Nº 20 - Séc. XVI (post. a 1581)

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“Sepultura de Salvador André Carn.^{ro} e de seus herdr.^{os}”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*. A tampa, que estava na Capela de N.^a Sr.^a do Rosário, era encimada com as armas dos Carneiros.

Salvador André Carneiro era piloto de Vila do Conde. Foi casado com Maria Álvares. Encontra-se documentado vivo em 24 de Outubro de 1575 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1.^o Cartório, 1.^a Série, Livro 7, fl. 110-111) e em 25 de Fevereiro de 1581 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1.^o Cartório, 1.^a Série, Livro 10, fl. 98v-99v)¹¹.

Publ.: SILVA 1721, pp. 1-2; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 265); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 79.

Insc. Nº 21 - [1602]

Local: Capela-mor do Convento de S. Francisco de Vila do Conde

Material: Granito

Dimensões: Tampa: Alt.: 180 cm; Larg.: 90 cm.

Leitura:

¹/ CONDIT(o)Rvm HOC TVMVLO

²/ EMANAEL DIONIS ABBAS

³/ CVIVS A(n)l(ma) D(evs) (a)IA (h)EREDES

⁴/ ISTA CAPELIA VENETT

Na Capela-mor da Igreja de S. Francisco encontra-se a tampa tumular do Abade D. Manuel Dinis. Apesar de referida em alguns estudos, a sua inscrição chegou até hoje inédita, circunstância a que não será estranha a dificuldade em compreender o seu teor. Com efeito, redigida em latim deficiente e socorrendo-se de abreviaturas, de letras inclusas e de letras adossadas, a inscrição oferece algumas dificuldades de interpretação.

Manuel Dinis era filho de Pedro Salvadores Peixoto e de Ana Dinis de Faria. Foi baptizado em Maio de 1548 e foi ordenado clérigo de missa em Julho de 1571. Faleceu a 1 de Janeiro de 1602, data que utilizamos para situar no tempo esta inscrição. O vínculo foi instituído sua sobrinha, Ana Dinis de Faria.

Inédita.

Ref.: OSÓRIO 1993, p. 22 (dados biográficos) e p. 26 e 28 (fotografias da inscrição, sem leitura).

11. Dados facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

Insc. Nº 22 – 1603

Local: Capela de N.ª S.ª do Socorro

Material: Granito

Dimensões: - (Demasiado elevada para ser medida)

Leitura:

- ¹/ ESTA CASA DA INVOCACÃO DE NO
- ²/ S(s)A S(enh)ORÃ DO SOCCORRO [sic] MANDA
- ³/ RAÕ FAZER POR SVA DEVAÇÃO
- ⁴/ GASPAS MANOEL CAVALEIRO PRO
- ⁵/ FESSO DA ORDEM DE CHRISTO PILO
- ⁶/ TO MOR DA CAR(r)EIRA DA INDIA E CHI
- ⁷/ NA E IAPAÕ E SVA MOLHER BARBORA
- ⁸/ FER(r)EIRA DALMEIDA . ANO . 1603

Na Capela de N.ª S.ª do Socorro, implantada sobre maciço rochoso na margem Norte do rio Ave, na face interna da parede do templo, sobre a porta principal, existe uma inscrição que comemora a sua edificação e as circunstâncias em que foi construída. O letreiro, gravado ao longo de oito regras em campo epigráfico enquadrado por cartela, foi lido por Frazão de Vasconcelos, A. Coutinho Lanhoso e Joaquim Pacheco Neves, os dois primeiros em versões com actualização gráfica, o terceiro em lição quase exacta.

A Capela de N.ª S.ª do Socorro, inicialmente consagrada a N.ª S.ª da Boa Viagem, foi licenciada pelo Arcebispo de Braga, Fr. Agostinho de Jesus, a 19 de Março de 1599. A sua construção, no entanto, apenas arrancou em 1603, data que é memorizada pelo presente letreiro. Sobre os seus fundadores veja-se o que adiante escrevemos (Insc. Nº 25).

Publ.: VASCONCELOS 1956, p. 71; LANHOSO 1960, p. 24; NEVES 1987, p. 80 (da ed. 2010) ¹².

Insc. Nº 23 - 1605

Local: Convento de N.ª Sr.ª da Encarnação, Capela da Ordem, do Cemitério ou das Caveirinhas

Material: Granito

Dimensões: -

Leitura:

- ¹/ (e)STA [capell]A HE D
- ²/ DENIS PINT[o c]ORD
- ³/ REFORM [ada por isa]
- ⁴/ BEL DE CARVALHO
- ⁵/ PINTA SVA NETA
- ⁶/ E DE S[ev]S HERD(ei)ROS
- ⁷/ ANNO 6 0 5

Na Capela da Ordem, do Cemitério ou das Caveirinhas, anexa ao Convento de N.ª S.ª da Encarnação, adossada pela banda de Norte, encontra-se uma inscrição seiscentista que, segundo Castro e Solla, que ainda a viu em 1912, diria: “ESTA CAPELLA HE / DE DENIS PINTO CORD.º / REFORMADA POR ISABEL / DE CARVALHO PINNA / SVA NETA E DE / SEVS HERD.^{ros} / ANNO DE

¹² Apesar dos esforços, não conseguimos consultar os estudos de Mons. J. Augusto Ferreira, “Ermida de Nossa Senhora do Socorro”, Vila do Conde, ano I, n.º 5, Vila do Conde, 1928; e de Bertino Daciano – “Capela de Nossa Senhora do Socorro ou de Nossa Senhora da Boa Viagem”, Vila do Conde. Boletim Cultural, 1ª Série, vol. 1, Vila do Conde, 1960, pp. 27-31.

1607” (SOLLA 1912a, p. 5; SOLLA 1992, p. 40). Joaquim Pacheco Neves deu dela versão com grafia actualizada: “*Esta capella he / de Dinis Pinto Card. / Reformada por Isabel / de Carvalho Pinto / sua neta. É de / seus her.ros / Anno de 1607*”. A leitura que apresentamos resulta da interpretação que Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas fez da tampa sepulcral, que ainda viu, e do croquis que forneceu. Procuramos reconstituir a inscrição, assinalando entre parêntesis rectos o texto já ausente. Entre o ano de 1607 (referido por Castro e Cola e Joaquim Pacheco Neves) e o de 1605 (referido por Cunha e Freitas), optámos pela data proposta por Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, que era um bom conhecedor da epigrafia da época.

Dinis Pinto foi Vereador e Juiz de Vila do Conde entre 1586 e 1593 (SCMVC 2010, p. 345).

Publ.: SOLLA 1912 p. 40 (da ed. 1992); FREITAS 1992, p. 29 e 31 (reed. in FREITAS 2001, pp. 235-237 e 247); NEVES 1987, p. 80 (da ed. 2010).

Insc. Nº 24 - [1614-1615]

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“*De Jacome Carn.^{ro} – e de sua m.^{er} Izabel Frz Sanches e de seus herdr.^{os}”*

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*. Na tampa encontravam-se gravadas as armas dos Carneiros.

Jácome Carneiro encontra-se bem documentado. Filho de Manuel Carneiro e de Catarina Anes, ambos de Vila do Conde, nasceu a 1 de Agosto de 1545 (GAIO 1938-41, vol. IX, p. 17). Foi piloto e Capitão-Mor de Vila do Conde e era cunhado de João Martins Gaio (vd. Insc. Nº 33). Casou, como a nossa inscrição revelava, com Isabel Fernandes Sanches (filha de Tomé Gonçalves Gaio e de Maria Alvares Sanches), matrimónio que, segundo Felgueiras Gaio, ocorreu a 22 de Julho de 1571 (GAIO 1938-41, vol. IX, p. 17). Encontra-se documentado desde 19 de Agosto de 1575 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 7, fl. 43-46v). Em 1585 desempenhava as funções de Vereador e em 1597 era Juiz Ordinário (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 21, fl. 20-21v). Ainda era vivo em 30 de Agosto de 1614 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 3ª Série, Livro 10, fl. 30-35v) mas em 10 de Junho de 1615 sua mulher, Isabel Fernandes Sanches, já assina como viúva (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 28, fl. 67-68).

Por sua vez, Isabel Fernandes Sanches ainda era viva em 2 de Setembro de 1619 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 3ª Série, Livro 15, fl. 71-73)¹³.

Publ.: SILVA 1721, p. 2; FREITAS 1949(b), p. 40 (reed. in FREITAS 2001, p. 265); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 11; SANTOS 1996, p. 79.

13 Todos os dados de arquivo foram facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

Insc. Nº 25 – 1621

Local: Capela de N.ª S.ª do Socorro

Material: Granito

Dimensões: Tampa: Alt.: 240 cm; Larg.: 103 cm; Campo epigráfico: Alt.: 93,5 cm; Larg.: 72,5 cm. Alt. média das letras: 6,5 cm; numerais (linha 8): 7 cm.

Leitura:

¹/ S(epultur)a DE G(asp)Ar M(anu)EL

²/ CAVALEIRo DO

³/ (h)ABITO DE X

⁴/ PO. E DE . S(ua) . M(ulher) .

⁵/ BARBORA

⁶/ F(e)RR(eir)a DALM(ei)DA

⁷/ . E . (h)ERD(eir)Os

⁸/ 1621

Inscrição funerária dos fundadores da Capela de N.ª S.ª do Socorro. A capela foi fundada por Gaspar Manuel, piloto-mor da carreira da Índia, cavaleiro professo da Ordem de Santiago e, depois, da Ordem de Cristo, e por sua segunda mulher, Bárbara Ferreira de Almeida, no ano de 1603 (vd. Insc. Nº 22). A autorização para a sua construção tinha sido dada pelo Arcebispo de Braga Fr. Agostinho de Jesus em 19 de Março de 1599 (FERREIRA 1923, p. 32, nota 1; VASCONCELOS 1956, p. 71). A tampa da sepultura, implantada no eixo central do pavimento da capela, apresenta, em cima, campo heráldico e, em baixo, campo epigráfico hoje em muito mau estado de conservação. A maior parte das letras já não são legíveis. Ensaíamos a reconstituição do letreiro a partir de uma fotografia antiga publicada por A. Coutinho Lanhoso (LANHOSO 1960, p. 22), que permitiu reconstituir o seguinte texto (assinalamos a negrito as letras sobreviventes):

¹/ **S**^a DE GA^R **ME**^L

²/ CAVALEIR^O **DO**

³/ ABITO DE X

⁴/ **PO.** E DE . S . M .

⁵/ **BARBORA**

⁶/ **FRR**^a DALMDA

⁷/ **.E. ERDO**^S

⁸/ **1621**

O letreiro fora publicado pelo Pe. Luís da Silva, na Memória Paroquial de 1721: “*Sepultura de Gaspar M.^{el} Cav.^{ro} do habito de Xpo e de sua m.^{er} Barbora Ferr.^a dalm.^{da} e herdr.^{os} 1621*” (SILVA 1721, p. 2; FREITAS 2001, p. 266). Mais recentemente, Frazão de Vasconcelos deu dele uma leitura com grafia actualizada e desdobramento de abreviaturas: “SEPULTURA DE GASPAS MANUEL / CAVALEIRO DO / HABITO DE CRIS / TO E DE SUA MULHER / BARBARA / FERREIRA DE ALMEIDA / E HERDEIROS / 1621” (VASCONCELOS 1956, p. 71). Joaquim Pacheco Neves leu: “S DZ GA^R ME^L / CAAE R^ODO / ABITO DE X / PO. E D M. / BARBORA / FRR^aDAA (ilegível) / .E. ERDO^S / 1621”.

Gaspar Manuel era filho de Cecília Fernandes da Rua (GAIO 1938-41, t. 26, p. 51). Foi piloto-mor da Carreira da Índia, da China e do Japão e é figura bem conhecida e documentada. Casou duas vezes: primeiro com Isabel Fernandes (em 25 de Fevereiro de 1576) e mais tarde com Bárbara Ferreira de Almeida (em 7 de Dezembro de 1591). Em 1592 foi nomeado Feitor da Alfândega de Vila do Conde e desempenhou diversos cargos municipais. Entre 1589 e 1608 empreendeu diversas viagens ao Oriente, tendo sido piloto-mor da Carreira da Índia, da China e do Japão. É autor de um conhecido roteiro, redigido cerca de 1604 – *o Roteiro e Advertências da Carreira da Índia feito e emendado por Gaspar Manoel* (manuscrito referido por MACHADO 1747, tomo 2, p. 362; COSTA

1960, p. 333; e editado por PEREIRA 1898). Fontoura da Costa e Frazão de Vasconcelos atribuem-lhe igualmente outro roteiro – o *Libro universal de derrotas, alturas, longetudes, e conhecenças de todas as navegações destes reinos de Portugal e Castella, Indias Orientaes, e Occidentaes; o mais cupioso e claro que pode ser, em serviço dos navegantes; ordenado por pilotos consumados nesta sciencia, e vertudes de aproveitar em serviço de Deos. Em Lisboa, o primeiro de Março de 1594. De Gaspar Manuel*” (VASCONCELOS 1956, p. 69; vd. tb. *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. 1, s.v. “Gaspar, Manuel”, p. 453). Foi nomeado cavaleiro professo da Ordem de Santiago e, a seu pedido, em 23 de Fevereiro de 1608, Filipe II nomeou-o cavaleiro professo do hábito de Cristo (doc. transcrito por VASCONCELOS 1956, pp. 72-73). Redigiu o seu testamento em 24 de Março de 1608 (publ. por SANTOS 1989) e faleceu a 4 de Dezembro de 1610. Sua segunda mulher, Bárbara Ferreira de Almeida, era filha de João Carneiro Ferreira e de Leonor de Almeida (GAIO 1938-41, t. 9, p. 28) e faleceu dez anos mais tarde que seu marido, a 8 de Abril de 1620 (SANTOS 1989, pp. 21-36). A data de 1621, exarada no final do nosso letreiro, respeita, portanto, à instituição da sepultura perpétua, sendo onze anos posterior à morte de Gaspar Manuel e um ano posterior ao desenlace de Bárbara Ferreira de Almeida.

Publ.: SILVA 1721, p. 2; FREITAS 1949(b), p. 40 (reed. in FREITAS 2001, p. 266); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 11; VASCONCELOS 1956, p. 71; LANHOSO 1960, p. 25; NEVES 1987, p. 123 (da ed. 2010).

Ref.: SANTOS 1989, pp. 21-36.

Insc. Nº 26 - 1621

Local: Capela de S. Bento

Material: Granito

Dimensões: Alt. média das letras: ^{1/} 9 cm; ^{2/} e ^{3/} 4 cm; ^{4/} e ^{5/} 7 cm

Leitura:

^{1/} ESTA CAP(eli)a MANDOV FAZER MANOEL BARBOZA E De [sic] SVA MOLHER

^{2/} MARIA

^{3/} BAHIA

^{4/} 16

^{5/} 21

Inscrição comemorativa da construção da Capela de S. Bento, encomendada por Manuel Barbosa e sua mulher, Maria Baía. A primeira regra encontra-se registada ao longo das aduelas do arco da porta principal. A segunda regra na imposta do lado esquerdo. A terceira regra na imposta do lado direito. A quarta regra, com os dois primeiros dígitos da data, na imposta do lado esquerdo (por baixo de MARIA). A quinta regra, com os restantes numerais do ano, na imposta do lado direito (por baixo de BAHIA). Numeramos as regras pela sequência de leitura.

Artur Vaz Osório da Nóbrega e, a partir deste, Joaquim Pacheco Neves, leram: “*HESTACA-ZAMANDOUFAZERMANUELBARBOZAEDESUA MOLHER*”. José Amadeu Coelho Dias leu: “*MARIA 16 / BAHIA 22*” [Sic] e, nas aduelas do arco, “*HESTA CASA MANDOV FAZER MANOEL BARBOZA E DE SVA MOLHER*”. Para os dados biográficos de Manuel Barbosa de Sá e de sua mulher, Maria Baía (ou Vaia), veja-se a Insc. Nº 28.

Publ.: NÓBREGA 1952, pp. 51-52; NEVES 1987, p. 125 (da ed. 2010); DIAS 2004, p. 55.

Insc. Nº 27 - [1621]

Local: Capela de S. Bento

Material: Granito

Dimensões: - (Demasiado elevada para ser medida)

Leitura:

¹/ O P . S . BENTO

Inscrição gravada em cartela embutida na fachada da Capela de S. Bento, por cima da porta de entrada e de lápide brasonada, revelando a invocação da capela – “O Patriarca S. Bento”. A escolha do orago esteve directamente relacionada com o Morgado de S. Bento, instituído pelos fundadores da Capela.

Publ.: NÓBREGA 1952, p. 52; DIAS 2004, p. 55.

Insc. Nº 28 – 1621

Local: Capela de S. Bento

Material: Granito

Dimensões: Tampa: Alt.: 210 cm; Larg.: 80 cm; Campo epigráfico: Alt.: 94 cm; Larg.: 62 cm.

Alt. média das letras: ¹/ 7,5 cm; ²/ 8 cm; ³/ 7 cm; ⁴/ 7,5 cm; ⁵/ 7,5 cm; ⁶/ 8 cm; ⁷/ 7,5 cm; ⁸/ 8 cm; ⁹/ 4,5 cm.

Leitura:

¹/ S(epultura) DE M(ano)EL .

²/ BARBOZA

³/ E DE SVA MO

⁴/ LHER M(aria) B

⁵/ AHIA . FVND

⁶/ ADORES

⁷/ DESTA CAZA

⁸/ & ERD(eir)OS .

⁹/ . 6 2 1 .

Embutida no pavimento da Capela de S. Bento, no eixo central, encontra-se a tampa epigráfica da sepultura dos seus fundadores. Segundo Artur Vaz Osório da Nóbrega, Manuel Barbosa da Sá terá falecido a 30 de Janeiro de 1616. Foi enterrado na Igreja da Misericórdia, tendo sido trasladado para a Capela de S. Bento quando ela foi construída, por iniciativa de sua mulher, Maria *Bahia*, em 1621. O ano gravado no final da inscrição dirá respeito, portanto, à trasladação e instituição da sepultura perpétua para os fundadores e herdeiros.

O primeiro autor a divulgar este epitáfio seiscentista foi o Conde de Castro e Solla, que deu uma leitura com grafia actualizada e com evidente lapso no desdobramento do nome da mulher de Manuel Barbosa. Na sua versão, o epitáfio diria: “Sepultura de Manuel Barbosa e de sua molher Maria Bernardina, fundadores d’esta Casa. e herdeiros. 1621” (SOLLA 1912b, p. 3). O autor confessava as dificuldades encontradas no apelido de Maria, cujas quatro letras entendeu desdobrar em “Bernardina”. Artur Vaz Osório da Nóbrega publicou, em 1952, uma leitura totalmente correcta desta inscrição, sem desdobramento de abreviaturas. E, mais recentemente, Joaquim Pacheco Neves forneceu nova leitura, embora deficiente.

Manuel Barbosa de Sá era filho de João Gonçalves Barbosa e de Francisca Barbosa de Sá (GAIO 1938-41, t. 26, p. 142). Foi piloto da Carreira da Índia e residiu na Rua dos Mourilheiros, em Vila do Conde. Casou com Maria Baía, ou Vaia, filha de João de Chaves (que, segundo Felgueiras

Gaio, era vereador em Vila do Conde em 1548 – GAIO 1938-41, t. 26, p. 142) e de Antónia Fernandes de Barros. Manuel Barbosa de Sá faleceu a 30 de Janeiro de 1616 (NÓBREGA 1952, p. 61), tendo sido enterrado na Igreja da Misericórdia, em Vila do Conde. Foi, mais tarde, em 1621, trasladado para a sepultura perpétua da Capela de S. Bento. Maria Baia, que, já viúva, instituiu o Morgado de S. Bento em 25 de Junho de 1616, faleceu a 12 de Março de 1634 (NÓBREGA 1952, p. 61)¹⁴. A descendência do Morgado de S. Bento foi estabelecida e estudada por Artur Vaz Osório da Nóbrega.

Publ.: SOLLA 1912b, p. 3; NÓBREGA 1952, p. 56; NEVES 1987, p. 127 (da ed. 2010).

Insc. Nº 29 - [1622]

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde, Capela dos Mareantes, do Corpo Santo ou de N.ª S.ª da Boa Viagem

Material: Inscrição pintada em painel de azulejos

Dimensões: Campo epigráfico: Alt.: 26 cm; Larg.: c. 65 cm.

Leitura:

¹/ . N . S . DA . BOA VIAGEN .

²/ FAZENDOME . N . Sª . DA BOA . VIAGEN . MERSE

³/ DE LEVAR . E TRAZER . A SALVAM(en)to . A MEV . FILHO

⁴/ IOÃO PERES . VELHO . NESTA . VIAGEm . QVE VAI

⁵/ FAZER NA NAO . leHsuS . M(ari)a . PROMETO . DE LHE

⁶/ MANDAR . FAZER . DAZVLEIO . A SVA . CAPELA

Na parede nascente da Capela dos Mareantes, no revestimento azulejar seiscentista, sobressaem dois painéis rectangulares com temas historiados. No primeiro foi pintada uma imagem de N.ª S.ª da Boa Viagem, segurando o Menino e pairando sobre as águas do mar, ladeada por dois barcos. Por baixo, ostenta campo rectangular onde se pode ler a inscrição acima transcrita. A primeira regra, que está enquadrada em campo autónomo das seguintes, deve ser lida em continuidade com a primeira regra do letreiro seguinte (Insc. Nº 30).

A inscrição dos azulejos da Capela dos Mareantes foi publicada pela primeira vez pelo Eng. Santos Simões, no seu monumental estudo sobre a Azulejaria Portuguesa, onde apresentou uma leitura quase correcta do seu conteúdo (SIMÕES, 1997, vol. II, p. 41). Apesar da data expressa no painel ser 1622, Santos Simões sugeriu, por motivos estilísticos, que a execução do painel fosse um pouco mais tardia, cerca de 1650.

Joaquim Pacheco Neves forneceu uma leitura do seu conteúdo com grafia actualizada: “*Fazendo-me N.ª S.ª da Boa Viagem mercê de levar e trazer a salvamento o meu filho João Peres Velho nesta viagem que vai fazer na nau J H S – M.ª Promete de lhe mandar fazer de azulejos a sua capela.*”.

João Peres Velho foi Escrivão da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde em 1628/29 (SCMVC 2010, p. 542), Vereador da Câmara Municipal em 1632 e Juiz em 1636 (PEREIRA 2006, p. 201)

Publ.: SIMÕES 1997, vol. I, p. 208; SIMÕES 1997, vol. II, pp. 40-41 e Est. VII; NEVES 1992, p. 55; SANTOS 1993, p. 59 (leitura em documento de 1690); NEVES 1987, p. 68 (da ed. 2010).

Ref.: PEIXOTO 1906 (reed. in PEIXOTO 1967, p. 190); NEVES 1996, pp. 55-56.

¹⁴ Os Registos de Óbito de Manuel Barbosa de Sá, a 30 de Janeiro de 1616, e de Maria Bahia ou Vaia, a 12 de Março de 1634, foram publicados por Artur Vaz Osório da Nóbrega (NÓBREGA 1953, pp. 20-21).

Insc. Nº 30 – 1622

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde, Capela do Corpo Santo

Material: Inscrição pintada em painel de azulejos

Dimensões: Campo epigráfico: Alt.: 26 cm; Larg.: c. 65 cm.

Leitura:

¹/ E CORPO SANTO

²/ PARTIO DESTA VILA . DE VILA DE CON

³/ DE . PERA . ANGOLA NO ANNO DE 1622

⁴/ ESTA PROMESA FES A NOS(s)A . S(e)N(ho)RA DE

⁵/ BOA . VIAGEN . TOME . PERES MIELA

Inscrição pintada em painel de azulejos do Séc. XVII apresentando, em cima, S. Pedro Gonçalves Telmo ou S. Telmo, segurando o Livro na mão esquerda e erguendo um círio aceso na direita, pairando sobre as águas do mar, ladeado por dois barcos. Por cima do campo epigráfico principal, em campo autónomo, pintou-se a primeira regra, que deve ser lida na continuação da primeira regra do letreiro precedente (Insc. Nº 29): “Nossa Senhora da Boa Viagem / e Corpo Santo”. Estas cartelas revelam as duas invocações pelas quais a Capela dos Mareantes era então vulgarmente conhecida. De resto, o texto das quatro regras do campo principal deste painel de azulejos também deve ser entendido no seguimento da promessa exarada no painel precedente, com a qual está, obviamente, relacionado.

O Eng. Santos Simões publicou o letreiro no seu estudo sobre a Azulejaria Portuguesa do Séc. XVII (SIMÕES, 1997, vol. II, p. 41). Como vimos na inscrição precedente, sugeriu que a execução dos azulejos fosse algo mais tardia que a data neles expressa, avançando o ano de 1650. Joaquim Pacheco Neves forneceu uma leitura actualizada com erro na data: “*Partio desta vila de Vila do Conde para Angola no ano de 1525. Esta promessa fez a Nossa da Boa Viagem Tomé Peres Mielia.*”.

S. Pedro Gonçalves Telmo (1190-1246) nasceu em Palência e professou nos Dominicanos, tendo passado por diversas casas desta Ordem, nomeadamente por Amarante. Um milagre a que ficou associado, em Baiona, levou a que as comunidades de pescadores e mareantes do Noroeste peninsular lhe dedicassem particular devoção, invocando-o em tormentas, sendo acudidas pelo *corpo santo* do confessor e guiadas pela sua luz (os *fogos de Santelmo*) (CÁCEGAS 1767, Livro IV, capítulos 23-29, pp. 452-472).

Publ.: SIMÕES 1997, vol. 1, p. 208; SIMÕES 1997, vol. II, pp. 40-41 e Est. VII; NEVES 1992, p. 55; SANTOS 1993, p. 59 (leitura em documento de 1690); NEVES 1987, p. 68 (da ed. 2010).

Ref.: NEVES 1996, pp. 55-56.

Insc. Nº 31 – 1623

Local: Igreja do Convento de Santa Clara de Vila do Conde, Capela da Conceição

Material: Granito

Dimensões: Lápide: Alt.: 100 cm; Larg.: 178 cm (seg. A. Mattos).

Leitura:

¹/ EM ESTA CAPELLA IAZEm O M(ui)To ESCLARECI

²/ DO PRINCIPE DOm AFFONCO SANCHES FILHO

³/ DEL REI DOm DENIS DE GLORIOSA MEMORIA

⁴/ SEXTO REI DESTE REINO DE PORTVGAL COm

⁵/ A M(ui)To EXCELENTE S(e)N(h)ORA MADAMA DO

⁶/ NA TAREIA M(art)i(n)z NETA DEL REI DOm SANCHO

- 7/ FVNDADORES DESTA SANTA CAZA A QV
8/ AL MANDOV FAZER P(ar)a ELLES A M(ui)To VIRT
9/ VOZA S(e)N(h)ORA DONA IZABEL DE CASTRO
10/ PRIM(ei)Ra ABB(adess)A DA OBSERVANCIA NESTA . S(anta) . CAZA
11/ Em 1526 . E DEPOIS A MANDOV DOVRAR E POR
12/ DE AZULEJO A M(ui)To RELIGIOZA Me DONA
13/ C(atari)Na DE LIMA SENDO ABB(adess)A NO ANNO DE 1623

Inscrição mandada executar pela Abadessa D. Catarina de Lima, em 1623, transcrevendo o teor da inscrição de 1526 que, por essa altura, ficou encoberta pelo revestimento azulejar encomendado por esta abadessa para o interior da Capela da Conceição. Removidos durante o restauro de 1929-1932, a inscrição quinhentista está de novo visível (cf. Insc. N° 4).

Quase todos os autores que publicaram o conteúdo destes dois letreiros optaram pela transcrição da epígrafe de 1623. O primeiro de todos foi Fr. Manuel da Esperança que, na *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco*, registou uma leitura com alteração da grafia: “*Em esta capela jazem o muito esclarecido Principe D. Afonso Sanches, filho delRei D. Dinyz de gloriosa memoria, sexto Rei deste Reino de Portugal, com a muito Excelente Senhora madama D. Tereja Martins, neta delRei D. Sancho: Fundadores desta santa casa, a qual mandou fazer pera elles a muito virtuosa Senhora D. Isabel de Castro, primeira Abadessa da Observancia desta santa Casa em 1526, & depois a mandou pourar, & por de azulejo a muito religiosa Madre D. Catherina de Lima, sendo Abadessa no anno de 1623.*” (ESPERANÇA 1666, pp. 177-178). Depois dele, D. António Caetano de Sousa, na sua *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, publicou uma versão com grafia actualizada e pequenos lapsos: “*Em esta Capella jazem o muito esclarecido Principe D. Affonso Sanches, filho delRey D. Diniz de gloriosa memoria, VI. Rey deste Reyno de Portugal, com a muito excellente Madama D. Tareja Martins, neta delRey D. Sancho, Fundadores desta Santa Casa, a qual mandou fazer para elles a muito virtuosa Senhora D. Isabel de Castro, primeira Abbadessa da Observancia desta Santa Casa, em 1526*”. Apesar de se quedar pela primeira parte do letreiro, que termina com a indicação do ano de 1526, D. António Caetano de Sousa também deve ter lido a inscrição seiscentista. Com efeito, quando escreve, em 1738, a inscrição quinhentista ainda estava encoberta pelos azulejos, e o facto de ter lido “Madama” em vez de “Senhora” revela a proveniência do texto.

Publ.: ESPERANÇA 1666, 2ª Parte, pp. 177-178; SOUSA 1738, pp. 149-150; FERREIRA 1925, p. 27; MATTOS 1948, Insc. n° LXXXII, p. 66; NEVES 1987, p. 56 (da ed. 2010).

Ref.: FERREIRA 1923, p. 17.

Insc. N° 32 - 1626, Março, 27

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“*Sepultura de Thomé Peres Miela, familiar da S. Inquisição, e de sua m.^{er} Ant.^a Velha, e de seus descendentes, elle falleceo a 27 de Março de 1626*”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*. António Peres Miela foi, como vimos, o responsável pela encomenda dos azulejos da Capela do Corpo Santo, feita em 1622 no cumprimento de promessa (cf. Insc. N° 29 e 30).

Tomé Pires Miela foi Vereador na Câmara Municipal de Vila do Conde em 1626 (PEREIRA 2006, p. 198). Apesar de esta inscrição atribuir o seu falecimento ao ano de 1626, ele ainda figura como vivo num documento de 13 de Janeiro de 1631 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 3ª Série, Livro 21, fl. 106-108v)¹⁵.

Publ.: SILVA 1721, p. 2; FREITAS 1949(b), p. 40 (reed. in FREITAS 2001, p. 265); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 11; SANTOS 1996, p. 79.

Insc. Nº 33 - [1630-1647]

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“Sepultura de João Miz. Gajo e de sua m.^{er} e herdr.^{os}”

Inscrição, desaparecida, de João Martins Gaio e sua mulher, registada pelo Pe. Luís da Silva na Memória de 1721.

Estão documentados pelo menos quatro indivíduos homónimos. O primeiro, João Martins Gaio que foi piloto em Vila do Conde e se encontra documentado em 26 de Fevereiro de 1571, altura em que era viúvo de Maria Afonso da Maia (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 6, fl. 40-41v). Encontra-se mencionado como “Irmão de maior condição” na Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde entre 1560 e 1563 (SCMVC 2010, p. 525) e foi Provedor no ano de 1567/68 (SCMVC 2010, p. 526). Segundo Felgueiras Gaio fora armado cavaleiro em Safim, em 1534, e foi pai de António Martins Gaio e de mais três filhos (GAIO 1938-41, t. 15, p. 17). Foi enterrado na Ermida da Madre de Deus (GAIO 1938-41, t. 15, p. 17), o que o afasta do rol das possibilidades de identificação. Um segundo indivíduo, João Martins Gaio, filho de Tomé Gonçalves Gaio e de Maria Alves Sanches, que casou com Maria Carneiro em 19 de Fevereiro de 1576 (GAIO 1938-41, t. 15, p. 46). Seu pai, Tomé Gonçalves Gaio, fez um vínculo com o Altar de S. Miguel-o-Anjo (GAIO 1938-41, t. 15, p. 46). Um terceiro indivíduo, João Martins Gaio, filho do primeiro acima mencionado, que casou com Maria Fernandes (GAIO 1938-41, t. 15, p. 56). Julgamos ser este que em 9 de Setembro de 1630 se declara piloto e dono de 2/3 do navio *Santo António* (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 3ª Série, Livro 21, fl. 49v-51v). Foi Vereador na Câmara de Vila do Conde nos anos de 1637, 1643 e 1647 (PEREIRA 2006, p. 201, 203 e 204). Em 27 de Dezembro de 1647 sua mulher, Maria Fernandes de Lima, apresenta-se como viúva (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 4ª Série, Livro 4, fl. 41v-42v)¹⁶. Houve ainda um quarto indivíduo homónimo, João Martins Gaio, filho do anterior, que casou com Isabel Barbosa, de quem teve três filhos (GAIO 1938-41, t. 15, p. 56). Foi também Vereador na Câmara de Vila do Conde, mas nos anos de 1654 e 1661 (PEREIRA 2006, pp. 205 e 206). Apesar de não termos provas concludentes, identificamos esta inscrição com o terceiro mencionado, atribuindo-lhe a cronologia acima indicada.

Publ.: SILVA 1721, p. 2; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. FREITAS 2001, p. 265); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 79.

¹⁵ Dados facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

¹⁶ Dados de arquivo facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

Insc. Nº 34 - 1634

Local: Rio Ave (hoje no Museu de Vila do Conde)

Material: Granito

Dimensões: Alt.: 280 cm; Larg.: 34 cm; Esp.: 18 cm. Campo epigráfico: Alt. 197 cm; Larg.: 29 cm. Alt. média das letras: 3 cm (letras capitais: 5 cm).

Leitura:

Na face principal do marco:

- ¹/ TAXA DA
- ²/ PASSAGE(m)
- ³/ CADA P(esso)a
- ⁴/ M(ei)o REAL
- ⁵/ BESTA MAY
- ⁶/ OR HVm REAL
- ⁷/ BESTA MEN
- ⁸/ OR M(ei)o REAL
- ⁹/ OS DONOS
- ¹⁰/ DELLAS NA
- ¹¹/ DA NEM OS
- ¹²/ M(eno)res DESTA
- ¹³/ VILLA
- ¹⁴/ SOB AS PE
- ¹⁵/ NAS DO FO
- ¹⁶/ RAL
- ¹⁷/ 1634

No reverso do marco:

- ¹/ CADA
- ²/ P(esso)a
- ³/ M(ei)o RE
- ⁴/ AL
- ⁵/ BESTA
- ⁶/ MAYOR
- ⁷/ HVm RE
- ⁸/ AL
- ⁹/ BESTA
- ¹⁰/ MENOR
- ¹¹/ M(ei)o RE
- ¹²/ AL
- ¹³/ OS DO
- ¹⁴/ NOS
- ¹⁵/ NADA

Pinho Leal e, mais recentemente, Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, publicaram este curioso e importante leteiro, gravado num marco de granito – Pinho Leal apresentando apenas a inscrição da face principal, Cunha e Freitas fornecendo leitura das duas inscrições, versão que aqui seguimos.

A barca da passagem do Ave era detida pelas Freiras de Santa Clara de Vila do Conde. Localizava-se junto do Cais das Lavadeiras, onde, segundo Pinho Leal, existia o *Nicho dos Senhor das Pautas*, um nicho com a imagem do Salvador onde, nas costas, se afixavam “as pautas com os preços e regulamentos das passagens”. Junto a ele encontrava-se o Marco, com as inscrições acima transcritas. A construção de uma ponte de madeira nos finais do SSéc. XVIII levou ao declínio e desaparecimento da barca de passagem do Ave.

Publ.: LEAL 1886, p. 698; FREITAS 1948, p. 16 (reed. in FREITAS 2001, p. 345); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 3.

Insc. Nº 35 – 1636

Local: Câmara Municipal de Vila do Conde

Material: Granito

Dimensões: Lápide: Alt.: 128 cm; Larg.: 102 cm. Alt. média das letras: 4 cm.

Leitura:

- ¹/ REGIMENTO DO Que LEVARÃO OS
- ²/ RENDEEIROS [sic] DO Que SE VENDE NO PAÇO

- 3/ ♦ DE CARGA MAIOR DE TRIGO CASTA
- 4/ NHA OV DE OVTRIO LEGVME QVA
- 5/ TRO ReaiS & DA MENOR DOVS ReaiS
- 6/ ♦ DE CADA PORCO HVm ARRA(t)EL & HVm REAL
- 7/ ♦ DE CARGA MAIOR DE VINHO OV VIN
- 8/ NAGRE HVM QVARTILHO & HVm REAL
- 9/ E DE SISA TRINTA ReaiS & SENDO MENOR A METADE
- 10/ ♦ DE CARGA DE MEL OV DE AZEITE HVM
- 11/ QVARTILHO & HVM REAL E DE SISA
- 12/ CENTO E SESENTA ReaiS
- 13/ ♦ DE CARRO E DE TABOADO TELHA TI
- 14/ JOLO CEBOLA E ALHO QVATRO ReaiS
- 15/ SENDO DE CASTANHA OITO ReaiS
- 16/ ♦ DE QVINTAL DE FERR(o) LINHO E
- 17/ LAAM QVATRO CEIJTIJIS [sic] PEZAN
- 18/ DOSE COM OS PEZOS DE CO(n)CELHO
- 19/ ♦ DE CADA PICHELEIRO QVATRO ReaiS
- 20/ 1636

Inscrição gravada em lápide formada por duas pedras de granito, embutidas no átrio da Câmara Municipal de Vila do Conde. Na altura em que foi criada, as arcadas do piso térreo da Câmara eram espaço aberto, ficando a inscrição em espaço público.

A inscrição foi avivada em época posterior, tendo sido mal entendida em algumas passagens, nomeadamente no início da oitava regra (onde o NA de vinNAGre, com o A adossado ao segundo N foi mal entendido, e se optou por gravar um novo A, sobreposto ao N), na décima sétima regra (onde as palavras «CENTOS ReaiS» foram avivadas de forma incompreensível para «CEIJTIJIS») e na décima nona linha (onde se avivou QUATRO em QUASFRO, por deficiente interpretação do T).

Para esta importante inscrição apenas conhecemos uma referência da autoria de Eugénio Andrea da Cunha e Freitas, com Bertino Daciano, em artigo onde publicaram fotografia da mesma, sem que, no entanto, fornecessem leitura.

Inédita.

Ref.: FREITAS e GUIMARÃES, 1948 (= FREITAS 2001, p. 421).

Insc. Nº 36 - 1636

Local: Capela de Santa Luzia, Vila do Conde (recolhida em casa particular em Azurara)

Material: Granito

Dimensões: - (inscrição não localizada)

Leitura:

- 1/ MARTIN VAZ VILLAS BOAS NO TES
- 2/ TA.^{TO} COM QUE FALLEU' EM LX.^A
- 3/ A DEZ DABRIL DO ANNO DE 1636 MAN
- 4/ DOU FAZER ESTA CAPELLA MOR E RE
- 5/ TABULO E IMAGENS DELLE E POR NO SA
- 6/ CRARIO EM UMA URNA DE PRATA DOURADA
- 7/ A RELIQUIA DO SANTO LENHO E QUE
- 8/ HOUESSE LAMPADA SEMPRE ACESA

9/ E EM DIA DA INVOCAÇÃO DA SANTA †
10/ HOUVESSE MISSA E PREGA
11/ ÇÃO E REPARTISSE SEU HERDEIRO SUCCES
12/ SOR NO MOR
13/ GAD[o] SESENTA ALQUEIRES
14/ DE PÃO COZIDO OU EM GRÃO PELOS PO
15/ BRES E QUE EM [dia] DE S. MARTINHO BISPO
16/ TURUNENSE HOUVESSE TAMBEM MISSA
17/ CANTADA E PREGAÇÃO E REPARTISSE O
18/ DITO SUCCESSOR POR MULHERES NECE
19/ CITADAS TRES MANTOS TRES SAIAS E TRES
20/ GIBÕES EM CADA ANNO DEIXOU AO CA
21/ PELLÃO NOMEADO PELO SEO SUCCESOR
22/ 25 MIL REIS PERA NESTA CAPELLA DIZER MIS
23/ SA TODOS OS DIAS E TRASLADA[r] A SEPULTU
24/ RA ONDE NELLA TEM SEUS OSSOS. ANDRÉ
25/ DE VILLASBOAS SEO IRMÃO E HERDEIRO E O
26/ PRIMEIRO SUCC[e]SSOR NO DITO MORGADO
27/ MANDOU FAZER AS DITAS OBRAS E TODA
28/ A ERMIDA E HOUVE O PADROADO HO
29/ NORIFICO DELLA PARA TODOS OS SUCCES
30/ SORES NO DITO MORGADO

Inscrição que se encontrava, outrora, embutida na capela-mor da Capela de Santa Luzia, “junto do altar-mor, do lado da Epístola” (VASCONCELOS 1906, p. 75). A capela foi adquirida por particular e demolida, tendo a lápide sido recolhida na sua casa, em Azurara. A inscrição foi publicada por José Leite de Vasconcelos, em 1906, a partir de dados que lhe tinham sido transmitidos por Mons. José Augusto Ferreira. Na impossibilidade de analisar a inscrição a partir do original, adoptamos a leitura publicada por Leite de Vasconcelos.

O conteúdo desta inscrição deve, obviamente, ser articulado com o da epígrafe seguinte.

Publ.: VASCONCELOS 1906, p. 75.

Insc. Nº 37 - 1637, Maio, 2

Local: Capela de Santa Luzia, Vila do Conde (recolhida em casa particular em Azurara)

Material: Granito

Dimensões: Lápide: Alt.: 107,5 cm; Larg.: 65 cm (seg. E. A. C. FREITAS).

Leitura:

1/ S . † .
2/ DD . MARTIN' . TVR . ET . LVC . SAC
3/ SVB . VRB . PP . VIII
4/ ET . PHIL . IIII . HISP . REG .
5/ S . P . Q . S . M . P .
6/ MART. VAZ . VILLAS BOAS
7/ POSTR . KAL . MAI
8/ A . PART . VIRG .
9/ AN . 1 6 3 7

Inscrição gravada em lápide de granito, que se encontrava outrora na Capela de Santa Luzia, em Vila do Conde, entretanto demolida. A inscrição foi publicada pela primeira vez por José Leite de Vasconcelos, a partir de dados que lhe tinham sido transmitidos por Mons. José Augusto Ferreira. Nesse estudo referia que a inscrição teria sido recolhida numa casa de Azurara, pertença do comprador e demolidor da Capela de Santa Luzia. Eugénio Andrea da Cunha e Freitas e Bertino Daciano voltaram a publicar esta inscrição, revelando que tinha sido recolhida na casa do Sr. Ezequiel Pizarro Monteiro, em Azurara, onde a viram e fotografaram. A nossa leitura, sem desdobramentos, foi feita a partir dessa fotografia. José Leite de Vasconcelos desdobrara a inscrição da seguinte forma:

“SANCTAE CRUCI
DOMINIS MARTINO TURUNENSI ET LUCIAE SACRUM
SUB URBANO PAPA VIII
ET PHILIPPO IIII HISPANIAE (vel HISPANIARUM) REGE.
SIBI POSTERISQUE SUIS MONUMENTUM POSUIT
MARTINES VAZ VILLASBOAS
POSTRIDIE KALENDAS MAIAS
A PARTU VIRGINIS
ANNO 1637”

traduzindo: “*Consagração feita à Santa Cruz, a S. Martinho de Tours e a Santa Luzia, no tempo do papa Urbano VIII e no de D. Filipe IV, rei de Hespanha. Para si e para os seus descendentes, fez este monumento Martim Vaz Villasboas no dia 2 de Maio do anno do parto da Virgem de 1637*” (VASCONCELOS 1906, p. 76).

A Capela de Santa Luzia teria sido fundada em 1502, quando D. Manuel I passou por Vila do Conde, a caminho de Santiago de Compostela, e ficou instalado na casa dos Vilas Boas. Nessa altura, teria participado na cerimónia de lançamento da primeira pedra da capela, colocando um cruzado de ouro no alicerce da mesma. Esta moeda apareceu anos mais tarde, quando se procedeu à reforma do pequeno templo, ordenada pelo Pe. Martim Vaz Vilas Boas em testamento e executada pelo seu irmão Diogo Vaz Vilas Boas. O aparecimento dessa moeda originou um curioso e raro opúsculo versificado, que Leite de Vasconcelos publicou na íntegra no seu estudo de 1906. Não conseguimos apurar o paradeiro actual desta inscrição.

Publ.: VASCONCELOS 1906, p. 76; FREITAS e GUIMARÃES, 1948 (= FREITAS 2001, p. 419-420).

Insc. Nº 38 - [1638-1639]

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“*De Franc.^a de Lima e herdr.^o*”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*.

Francisco de Lima encontra-se documentado desde 22 de Agosto de 1615, altura em que era casado com sua primeira mulher, Ana de Campos (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 28, fl. 101-102v). Aparece mencionado na Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, como mercador, em 30 de Setembro de 1618 (SCMVC 2010, p. 366). Em 14 de Setembro de 1638 ainda era vivo (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 4ª Série, Livro 2, fl. 34v). No entanto, a sua

segunda mulher, Maria de Lemos, já é mencionada na condição de viúva em 21 de Outubro de 1639 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 4ª Série, Livro 28, fl. 107v-110)¹⁷. Por isso atribuímos a datação crítica de [1638-1639] ao presente epitáfio.

Publ.: SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 264); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 78.

Insc. Nº 39 - 1639

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“De Simão Lopez de Azd.^o familiar do S. Off.^o e de seus herdr.^{os} 1639”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*.

Simão Lopes de Azevedo era piloto de Vila do Conde. Encontra-se documentado em 1625 (SCMVC 2010, p. 392), em 14 de Outubro de 1630 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 3ª Série, Livro 21, fl. 59-60v) e em 1637/38, altura em que era «Irmão de maior condição» da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde (SCMVC 2010, p. 544). Foi Procurador da Câmara Municipal de Vila do Conde em 1636 e em 1640 (PEREIRA 2006, p. 201 e 202). Apesar de a inscrição ostentar a data de 1639, esta não se pode assumir como a data da sua morte. Com efeito, ainda se encontra documentado vivo em 16 de Março de 1651 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 5ª Série, Livro 1, fl. 79-80v)¹⁸.

Publ.: SILVA 1721, p. 2; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 265); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 79.

Insc. Nº 40 - 1641

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“De Fran.^{co} do Coutto e Az.^{do} cavaleiro fidalgo professo do habito de Santiago, e de sua m.^{er} f.^{os} e herd.^{os} 1641”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*. Apresentava, por cima, as armas dos Coutos e dos Azevedos.

Francisco do Couto e Azevedo encontra-se documentado na Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde em 5 de Agosto de 1623 (SCMVC 2010, p. 367), altura em que já era “cavaleiro do hábito de Santiago”. Foi «irmão de maior condição» em 1624/25 (SCMVC 2010, p. 541) e desempenhou as funções de Provedor em 1634/35 (SCMVC 2010, p. 543). Foi, ainda, Juiz da Câmara de Vila do Conde em 1632, 1634 e 1638 (PEREIRA 2006, p. 200 e 202).

Publ.: SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 264); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 77.

¹⁷ Dados de arquivo facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

¹⁸ Dados de arquivo facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

Insc. Nº 41 - 1646

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“De Antonio de Sá Barbosa e de seus herdr.^{os} falesceo o anno de 1646”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*. Segundo o seu testemunho, na metade superior da tampa estavam representadas as armas dos Sás e dos Carneiros.

António de Sá Barbosa era filho de Nicolau Afonso da Póvoa e de Francisca Barbosa. Casou com Isabel Fernandes Raimundo a 3 de Outubro de 1600. Segundo Felgueiras Gaio, António de Sá Barbosa era mareante e conhecido pela alcunha de «O Rolo» (GAIO 1938-41, t. 26, p. 141). A sua descendência, apenas filhas, espelha, exemplarmente, as relações entre as várias famílias dominantes em Vila do Conde: Filipa de Sá casou com Jacome Carneiro de Barros; Brites de Sá com Jacome Carneiro de Barbosa; Isabel Barbosa com João Martins Gaio; Francisca Barbosa com o mareante Manuel de Faria; e as duas restantes, Maria da Trindade e Antónia, professaram em Santa Clara de Vila do Conde (GAIO 1938-41, t. 26, p. 141).

Publ.: SILVA 1721, p. 2; FREITAS 1949(b), p. 40 (reed. in FREITAS 2001, p. 265); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 11; SANTOS 1996, p. 79.

Insc. Nº 42 - 1648

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“Do P.^e M.^{el} Alves e de seus herdr.^{os} 1648”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*.

Publ.: SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 264); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 77.

Insc. Nº 43 - [1648]

Local: Igreja do Convento de Santa Clara de Vila do Conde (hoje no Museu Nacional Soares dos Reis, Porto)

Material: Calcário

Dimensões: -

Leitura:

¹/ LOUVADO SEIA O SAN

²/ TIS(s)IMO SACRAM(en)To E A

³/ INMACULADA COMSEI

⁴/ SÃO DA VIRGEM M(ari)a NO

⁵/ SSA S(e)N(ho)Ra CONCEBIDA

⁶/ SEM PECADO ORIGINAL

Inscrição gravada em cartela de calcário proveniente do Convento de Santa Clara de Vila do Conde, hoje conservada na coleção lapidar do Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto. A inscrição, que obedece a formulário bem conhecido, deve ter sido criada c. 1648, quando, por decisão de D. João IV, o Reino de Portugal foi consagrado à Imaculada Conceição e se criaram inúmeras inscrições de conteúdo similar.

Publ.: MNSR 1941, nº 36, p. 14.

Insc. Nº 44 - 1652, Junho, 8

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“*De Miguel de Pontes Vigr.^o que foi desta igr.^a obiit sexto idus Junni M. D. C. LII.*”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*.

O Pe. Miguel de Pontes era filho de Baltasar Álvares e encontra-se referido como “clérigo ordenado em ordens sacras” em documento de 19 de Janeiro de 1619 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 31, fl. 49-50v)¹⁹. Segundo Mons. José Augusto Ferreira, foi Prior da Matriz de Vila do Conde entre 1633 e 1652 (FERREIRA 1923, p. 33).

Publ.: SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 264); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 79.

Insc. Nº 45 - [1685]

Local: Igreja do Convento de Nossa Senhora da Encarnação da Ordem de S. Francisco

Material: Inscrição pintada em azulejos (desaparecidos).

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

¹/ ... LVGAR DONDE ESTAM ESTES LETRE

²/ ... E A CAPELLA DA VENERAVEL ORDEM 3ª

³/ ... VRAS DA DITA ORDE(m) QVE NELAS SE NÃO ENTERARA NR(m)

⁴/ ... SEM QVE SEIA IRMÃO OU IRMÃ DA DITA ORDEM

⁵/ ... SENHORES DA MEZA QVE AGORA SERVEM

Inscrição pintada em painel de azulejos que se perderam quando, em pleno século XX, se retirou o revestimento azulejar seiscentista da Igreja do Convento de S. Francisco, substituindo-se por azulejos modernos. A inscrição ainda foi vista por Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, que a publicou com *croquis*. Faltava já a primeira parte do painel, à esquerda. O púlpito da Igreja apresenta a data de 1685, que pode servir de datação crítica para os azulejos.

Publ.: FREITAS 1992, p. 26 (reed. in FREITAS 2001, pp. 233-234).

¹⁹ Dados facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

Insc. Nº 46 - [1685]

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“Sepultura de Pedro do Soutto Vig.^o q foi desta igr.^a e de seus herdr.^{os}”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*.

Pedro do Souto encontra-se documentado, como “padre de missa” na Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde desde 21 de maio de 1645 (SCMVC 2010, p. 390), tendo desempenhado as funções de Escrivão em 1657/58 (SCMVC 2010, p. 549) e Provedor por duas vezes, em 1658/59 (Idem, p. 549) e em 1669/70 (Idem, p. 553). Segundo Mons. José Augusto Ferreira, foi Prior da Matriz de Vila do Conde entre 1653 e 1685 (FERREIRA 1923, p. 33).

Publ.: SILVA 1721, p. 2; FREITAS 1949(b), p. 40 (reed. in FREITAS 2001, p. 265); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 11; SANTOS 1996, p. 79.

Insc. Nº 47 - Séc. XVII [ant. a 1617]

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“Sepultura de Antonio Ribr.^o Carnr.^o e f.^{os}”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*. Encontrava-se gravada na tampa da sepultura que apresentava, em cima, as armas dos Carneiros.

António Ribeiro Carneiro casou com Maria Rodrigues, que já era viúva em 3 de Fevereiro de 1617 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1^o Cartório, 1^a Série, Livro 30, fl. 6v-9v)²⁰.

Publ.: SILVA 1721, p. 2; FREITAS 1949(b), p. 40 (reed. in FREITAS 2001, p. 266); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 11; SANTOS 1996, p. 79.

Insc. Nº 48 - Séc. XVII [post. a 1620]

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“De Juliana Carneira e de seus herdr.^{os}”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*. Encontrava-se gravada numa tampa da sepultura que apresentava, em cima, as armas dos Carneiros.

20 Dados de arquivo facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

Juliana Carneira ou Carneiro casou com Marcos Folgueira, de quem teve dois filhos: Simão (nascido a 2 de Novembro de 1591) e António (nascido a 30 de Setembro de 1593) (GAIO 1938-41, vol. IX, p. 12). Ainda se encontra documentada em 16 de Junho de 1620 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 32, fl. 77v-79v)²¹.

Publ.: SILVA 1721, p. 2; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 266); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 79.

Insc. Nº 49 - Séc. XVII (post. a 1638)

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“de Agostinho de Villas Boa. e de seus irmãos e herdr.^{os}”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*. Na tampa encontravam-se as armas dos Vilas Boas.

Agostinho de Vilas Boas encontra-se documentado entre 19 de Dezembro de 1608 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 26, fl. 3-5) e 19 de Julho de 1638 (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 4ª Série, Livro 2, fl. 17). Em 1630 comprou propriedades em A-Ver-o-Mar (ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 3ª Série, Livro 21, fl. 81-88v)²².

Publ.: SILVA 1721, p. 2; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 265); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 79.

Insc. Nº 50 - Séc. XVII (post. a 1641)

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“M.^{el} Pais de Faria”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*, e que se resumia ao nome do inumado. A tampa era encimada pelas armas os Farias e dos Pais.

Manuel Pais de Faria, filho de João Pais de Faria e de sua segunda mulher, Melícia Gomes Pinheiro, foi abade de Alvelos e, depois, de S. Salvador de Touguinhó (GAIO 1938-41, t. 13, p. 123). Encontra-se documentado desde 28 de Fevereiro de 1604 (SCMVC 2010, p. 380) e em 1607/08 era «irmão de maior condição» da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde (SCMVC 2010, p. 535). É de novo mencionado em documentos de 6 de Dezembro de 1616 e de 4 de Julho de 1617 (respectivamente ADP, Not. de Vila do Conde, 1º Cartório, 1ª Série, Livro 29, fl. 112v-115v e 3ª Série, Livro 13, fl. 113v-114v)²³. Em 1636/37 e em 1640/41 desempenhou as funções de Provedor

21 Dados de arquivo facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

22 Dados de arquivo facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

23 Dados de arquivo facultados por Eliana Miranda de Sousa, a quem agradecemos.

da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde (SCMVC 2010, p. 544 e 545). A data da sua morte é, portanto, posterior a 1641.

Publ.: SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 264); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 78.

Insc. Nº 51 - Séc. XVII

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“- de João Carnr.^o Cavalr.^o fidalgo da caza de Sua Magd.^e e de sua m.^{er} Fran.^{ca} Carnr.^a de seus herdr.^{os}”

Inscrição desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*. Segundo o seu testemunho, a inscrição estava gravada numa tampa de sepultura que apresentava, em cima, as armas dos Carneiros.

João Carneiro (Gaio) era filho de João Martins Gaio e de Maria Carneiro e, portanto, neto de Tomé Gonçalves Gaio (GAIO 1938-41, t. 15, p. 46-47). Nasceu em 1580 e casou com sua prima (em 2º grau) Francisca Carneiro (Cansado), nascida em 1590. O casamento ocorreu a 17 de Julho de 1619 (cf. GAIO 1938-41, t. 15, p. 46-47; GAIO 1938-41, t. 9, p. 18). Segundo Felgueiras Gaio, foi o Procurador de Vila do Conde nas Cortes de 1641, juntamente com António Machado Vilas Boas. Foi «irmão de maior condição» da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde nos anos de 1621/22 e de 1626/27 (SCMVC 2010, p. 538 e 541), ascendendo a Escrivão em 1631/32 (Idem, p. 543) e a Provedor em 1629/30 (Idem, p. 542).

Publ.: SILVA 1721, p. 2; FREITAS 1949(b), p. 40 (reed. in FREITAS 2001, p. 265); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 11; SANTOS 1996, p. 79.

Insc. Nº 52 - Séc. XVII

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“- de João Eannes de Miranda e sua m.^{er}”

Inscrição gravada em tampa de sepultura embutida no pavimento da Capela de N.^a Sr.^a do Rosário, hoje desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*.

João Anes de Miranda era filho bastardo de Pedro de Miranda (GAIO 1938-41, t. 20, p. 170). Seu pai casou em Vila do Conde com Antónia Francisca, filha de Paulo Lopes, de cuja união não resultou descendência. João Anes de Miranda casou com Helena Furtado da Fonseca, filha do Juíz de Fora de Viana do Castelo, António da Fonseca Furtado, de quem teve três filhas (GAIO 1938-41, t. 20, p. 170-171). Encontra-se documentado na Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde em 2 de Setembro de 1685 (SCMVC 2010, p. 377) e era Vereador da Câmara Municipal de Vila do Conde em 1690 (PEREIRA 2007, p. 215).

Publ.: SILVA 1721, p. 2; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 266); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 79.

Insc. Nº 53 - Séc. XVII

Local: Igreja Matriz de Vila do Conde

Material: Granito (?)

Dimensões: - (Inscrição desaparecida)

Leitura:

“- do L.^{do} João Machado de Pontes e herdr.^{os}”

Inscrição gravada em tampa de sepultura hoje desaparecida, que o Pe. Luís da Silva registou na *Memória Paroquial de 1721*.

João Machado de Pontes era licenciado e padre. Encontra-se documentado no arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde em 26 de Junho de 1672, altura em que foi recebido “sem esmola, com oferta de suas Ordens na forma dos mais sacerdotes” (SCMVC 2010, p. 376).

Publ.: SILVA 1721, p. 1; FREITAS 1949(b), p. 39 (reed. in FREITAS 2001, p. 266); GUIMARÃES e FREITAS 1953, p. 10; SANTOS 1996, p. 77.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1973-74), “Necrópole galaico-romana de Vila do Conde”, *Revista da Faculdade de Letras – História*, 2ª Série, vol. 4-5, Porto, pp. 209-221
- ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (2005) – *Construindo a Memória. As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses
- AA.VV. (2002) – “... A Igreja nova que hora mandamos fazer...” *500 Anos da Igreja Matriz de Vila do Conde*, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde
- BARROCA, Mário Jorge (1987) – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*, Porto, ed. policopiada
- BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, 4 vols., Lisboa, FCG-FCT (1ª ed., policopiada, Porto, 1996)
- BARROCA, Mário Jorge (2014) – “Representações de Espaços Urbanos no Noroeste de Portugal nos alvares da Época Moderna”, in VIGO TRASANCOS, Alfredo (Coord. de), *La Ciudad y la Mirada del Artista. Visiones desde el Atlântico*, Santiago de Compostela, Teófilo Edicions, pp. 419-455
- BARROCA, Mário Jorge (2017) – “Prope Litore Maris: O sistema defensivo da orla litoral da Diocese do Porto (Séc. IX a XII)”, in AMARAL, Luís Carlos (Coord. de), *Um poder entre poderes: nos 900 anos da restauração da Diocese do Porto e da construção do Cabido Portucalese*, Porto, CEHR-UCP, pp. 197-241
- CÁCEGAS, Fr. Luís de (1767) – *Primeira Parte da História de S. Domingos particular do reino, e conquistas de Portugal*, Lisboa

- CARDOSO, Jorge (1652) – *Agiolégio Lusitano dos Sanctos e Varoens Illustres em Virtude do Reino de Portugal...*, vol. I, Lisboa (reed. facsimilada, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002)
- COSTA, A. Fontoura da (1960) – *A Marinharia dos Descobrimentos*, 3ª ed., Lisboa, Agência Geral do Ultramar
- COSTA, Marisa (1994) – “A construção da Igreja Matriz de Vila do Conde”, *Vila do Conde. Boletim Cultural*, Nova Série, vol. 13, Vila do Conde, pp. 32-54
- COSTA, Marisa (2004) – “Poder e Autoridade de fundar um mosteiro. A dotação de Santa Clara de Vila do Conde”, *De Arte*, nº 3, León pp. 23-37
- DAVID, Pierre (1947) - *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe Siècle*, Lisboa -Paris, Livraria Portugália Editora/Société d'Édition Les Belles Lettres
- DIAS, João José Alves (1998) – *Portugal: Do Renascimento à Crise Dinástica*, vol. V da «Nova História de Portugal», Dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Ed. Presença
- DIAS, (Frei Geraldo) José Amadeu Coelho (2004) – “As Ordens Monásticas no Norte de Portugal. Os Beneditinos de Vila do Conde”, *Actas dos 2ºs Encontros de História*, Vila do Conde, pp. 43-58
- ESPERANÇA, Fr. Manuel da (1666) – *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco...*, 2ª Parte, Lisboa
- FERREIRA, Mons. José Augusto (1923) – *Vila do Conde e seu Alfoz. Origens e Monumentos*, Porto, Ed. Marques Abreu
- FERREIRA, Mons. José Augusto (1925) – *Os Túmulos do Mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde*, Porto, Ed. Marques Abreu
- FERREIRA, Mons. José Augusto (1928) – “Ermida de Nossa Senhora do Socorro”, *Vila do Conde*, ano I, nº 5, Vila do Conde
- FREIRE, Anselmo Braamcamp (1973) – *Brasões da Sala de Sintra*, 3 vols., Lisboa, INCM (ed. facsimilada da 2ª ed., Coimbra, 1930)
- FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e (1948) – “Subsídios para uma Monografia de Vila do Conde. I. A Barca da Passagem do Ave”, *Douro Litoral*, Terceira Série, nº 3, Porto, pp. 14-16 (reed. in *Vila do Conde. 2. História e Património*, Vila do Conde 2001, pp. 342-345).
- FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e; GUIMARÃES, Bertino Daciano (1948) – “Notas e comentários acerca de algumas inscrições do Douro Litoral”, *Douro Litoral*, Terceira Série, Porto, pp. (reed. in *Vila do Conde. 2. História e Património*, Vila do Conde, 2001, pp. 413-421
- FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e (1949a) – “Notas e Comentários acerca de Algumas Inscrições do Douro Litoral”, *Douro Litoral*, Terceira Série, nº 4, Porto, pp. 31-38
- FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e (1949b) – “Vila do Conde nas Memórias Paroquiais e Visitações”, *Douro Litoral*, Terceira Série, nº 5, Porto, pp. 38-41 (reed. in *Vila do Conde. 2. História e Património*, Vila do Conde 2001, pp. 263-267)
- FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e (1960) – “Estudos Vilacondenses. I. A Azenha de Azurara”, *Vila do Conde. Boletim Cultural*, 1ª Série, vol. 1, Vila do Conde, pp. 33-35 (reed. in *Vila do Conde. I. Azurara*, Vila do Conde, 1999, pp. 146-150)
- FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e (1961) – “Os Mestres Biscainhos na Matriz de Vila do Conde. João de Rianho, Sancho Garcia, Rui Garcia e João de Castilho”, *Anais*, IIª Série, vol. 11, Lisboa, Academia Portuguesa de História, pp. 177-196 (reed. facsimilada in *Vila do Conde. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*, Nova Série, nº 18, Vila do Conde 1996, pp. 30-52; nova reed. in *Vila do Conde. 2. História e Património*, Vila do Conde 2001, pp. 112-128)

- FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e (1992) – “O convento de Nossa Senhora da Encarnação em Vila do Conde”, *Vila do Conde. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*, 2ª série, volume 9, Vila do Conde, pp. 17-33 (reed. in *Vila do Conde. 2. História e Património*, Vila do Conde 2001, pp. 222-247)
- FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e (1999) – *Vila do Conde. 1. Azurara*, Cadernos de História Local, vol. 3, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde
- FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e (2001) – *Vila do Conde. 2. História e Património*, Cadernos de História Local, vol. 4, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde
- GAIO, Felgueiras (1938-41) – *Nobiliário das Famílias de Portugal*, Ed. de Agostinho de Azevedo Meireles e Domingos de Araújo Afonso, Braga, Ed. Pax
- GOMES, Saul António (2009) – *D. Afonso V*, Lisboa, Temas e Debates
- GUIMARÃES, Bertino Daciano; FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e; NEVES, Serafim Gonçalves das (1948) – *Azurara (Concelho de Vila do Conde). Subsídios para a sua Monografia*, Porto, Junta de Província do Douro Litoral
- GUIMARÃES, Bertino Daciano e FREITAS, E. de A da Cunha (1953) - *Subsídios para uma monografia de Vila do Conde*, 1º volume, Porto, Junta de Província do Douro Litoral
- GUIMARÃES, Bertino Daciano (1949) – “Subsídios para uma monografia de Vila do Conde. II”, *Douro Litoral*, Terceira Série, nº 4, Porto, pp. 39-42
- GUIMARÃES, Bertino Daciano (1960) – “Capela de Nossa Senhora do Socorro ou de Nossa Senhora da Boa Viagem”, *Vila do Conde. Boletim Cultural*, 1ª Série, vol. 1, Vila do Conde, pp. 27-31
- LANHOSO, A. Coutinho (1960) – “Gaspar Manuel, piloto da carreira da Índia, China e Japão, nasceu em Vila do Conde”, *Vila do Conde. Boletim Cultural*, 1ª Série, nº 1, Vila do Conde, pp. 19-25 (reed. com o título “No 373º Aniversário do seu falecimento: Gaspar Manuel piloto da Carreira da Índia, China e Japão, nasceu em Vila do Conde, onde faleceu a 4 de Novembro de 1610”, in *Caderno de Cultura*, Suplemento do *Jornal de Vila do Conde*, nº 213, ed. de 3 de Novembro de 1983, pp. 1-4)
- LEAL, Augusto Soares Barbosa de Pinho (1886) – *Portugal Antigo e Moderno...*, s.v. Vila do Conde, vol. 11, Lisboa, pp. 691-699 (reed. facsimilada, Cota D’Armas Editores, Monte da Caparica, 1990)
- LF - *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*, Ed. Crítica de Avelino de Jesus da Costa, melhorada e ampliada por José Marques, 2 vols., Braga, 2016
- MACHADO, Diogo Barbosa de (1747) – *Bibliotheca Lusitana...*, tomo 2, Lisboa
- MARQUES, José (1983) – “A administração municipal de Vila do Conde, em 1466”, sep. De *Bracara Augusta*, Vol. 37, Braga
- MATTOS, Armando de (1945) – “Uma Abadessa Clarista de Vila do Conde”, *O Tripeiro*, Vª Série, Ano 1, nº 3, Porto, Julho, pp. 57-58
- MATTOS, Armando de (1946) – “Inventário das Inscrições do Douro-Litoral”, *Douro Litoral*, Segunda Série, nº 5, Porto, pp. 21-30
- MATTOS, Armando de (1948) – “Inventário das Inscrições do Douro-Litoral”, *Douro Litoral*, Terceira Série, nº 1, Porto, pp. 65-76
- MIRANDA, Marta (1998) – *Vila do Conde*, Lisboa, Ed. Presença
- MNSR 1941 – *Museu Nacional Soares dos Reis. Secção Lapidar. Catálogo-Guia*, Porto
- MONTEIRO, Manuel (1909) – “Os túmulos dos Fundadores do Mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde”, *Dispersos*, Braga, ASPA, 1980, pp. 164-167 (1ª ed., *Arte*, Ano V, nº 49, Porto, 1909, pp. 2-6)
- MORENO, Humberto Baquero (1973) – *A Batalha de Alfarrobeira. Antecedentes e Significado Histórico*, 2 vols., 2ª ed., Coimbra, 1980 (1ª ed., Lourenço Marques, 1973)

- NEVES, Joaquim Pacheco (1987) – *Vila do Conde*, 2ª ed., Comemorativa do 1º Centenário do Nascimento do Autor, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2010 (1ª ed. 1987)
- NEVES, Joaquim Pacheco (1992) – “Breve estudo sobre os azulejos de Vila do Conde”, *Vila do Conde. Boletim Cultural*, Nova Série, nº 9, Vila do Conde, pp. 50-69
- NEVES, Joaquim Pacheco (1996) – “A Capela-Mor da Matriz”, *Vila do Conde. Boletim Cultural*, Nova Série, nº 18, Vila do Conde, pp. 53-56
- NÓBREGA, Artur Vaz Osório da (1952) – “Capela de São Bento, em Vila do Conde. I. Subsídios para a sua História”, *Douro Litoral*, Quinta Série, nº 1-2, Porto, pp. 50-75
- NÓBREGA, Artur Vaz Osório da (1953) – “Capela de São Bento, em Vila do Conde. I. Subsídios para a sua história. III. Documentos”, *Douro Litoral*, Quinta Série, nº 3-4, Porto, pp. 20-35
- Ordenações do Senhor Rey D. Affonso V*, 5 volumes, Coimbra 1786 (reed. facsimilada, Lisboa, FCG, 1984)
- Ordenações do Senhor Rey D. Manuel*, 5 volumes, Coimbra, 1797 (reed. facsimilada, Lisboa, FCG, 1984)
- OSÓRIO, João de Noronha (1993) – “A Capela-Mor de São Francisco de Vila do Conde”, *Vila do Conde. Boletim Cultural*, Nova Série, vol. 12, Vila do Conde, pp. 20-43
- PEIXOTO, Rocha (1906) – “Etnografia Portuguesa. Tabulae Votivae (Excerpto)”, *Portvgalia*, 1ª Série, vol. II, Porto, pp. 187-212 (reed. in *Obras*, Vol. 1, *Estudos de Etnografia e de Arqueologia*, Póvoa de Varzim, 1967, pp. 187-216)
- PEREIRA, Gabriel (1898) – *Roteiros Portugueses da Carreira da Índia. Vicente Rodrigues, Gaspar Manoel e Aleixo Motta*, Lisboa
- PEREIRA, Susana (2006) – *A Comunidade Marítima de Vila do Conde no Século XVII. Estudo socio-profissional*, Diss. de mestrado, Porto, ed. policopiada
- POLÓNIA, Amélia (2007) - *A expansão ultramarina numa perspectiva local : o porto de Vila do Conde no século XVI*, Lisboa, INCM
- QUEIRÓS, Carla (2002) – “Subsídios para o estudo da talha da Igreja Matriz de Vila do Conde”, “... A Igreja nova que hora mamdamos fazer...” *500 Anos da Igreja Matriz de Vila do Conde*, Vila do Conde, pp. 117-147
- REAL, Manuel Luís (2013) – “Os Condes e a Vila, na Idade Média”, in Museu de Vila do Conde - *Vila do Conde. Tempo e Território: Exposição Permanente*. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde, pp. 81-95
- ROQUE, Mário da Costa (1979) – *As Pestes Medievais Portuguesas e o «Regimento Proveytoso contra ha Pestelença»*, Lisboa, FCG
- ROQUE, Mário da Costa (1982) – “A «Peste Grande» de 1569”, *Anais*, 2ª Série, vol. 28, Lisboa, Acadmeia Portuguesa de História, pp. 73-90
- R.V. [= Reynaldo Vieira] (1912) – “Os Paços do Concelho”, *Ilustração Vilacondense*, 3º Ano, nº 26, Vila do Conde, Abril, pp. 1-2
- RODRIGUES 2012 = RODRIGUES, Ana Maria S. A. – *As tristes rainhas: Leonor de Aragão. Isabel de Coimbra*, Lisboa, Círculo de Leitores
- SANTOS, A. Monteiro dos (1989) – “Gaspar Manuel um piloto vilacondense”, *Vila do Conde. Boletim Cultural*, Nova Série, nº 3, Vila do Conde, pp. 21-36.
- SANTOS, A. Monteiro dos (1993) – “A Capela dos Mareantes na Igreja Matriz de Vila do Conde”, *Vila do Conde. Boletim Cultural*, Nova Série, nº 12, Vila do Conde, pp. 47-62
- SANTOS, A. Monteiro dos (1996) – “Algumas sepulturas na Igreja Matriz”, *Vila do Conde. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*, Nova Série, nº 18, Vila do Conde, pp. 77-80
- SCMVC (2010) – *Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde. Um Legado. 1510-1975*, Vila do Conde, Santa Casa da Misericórdia

- SEIXAS, Miguel Metelo de (2005) – “Aleo! Aleo! A empresa de D. Pedro de Meneses, primeiro conde de Vila Real, primeiro governador de Ceuta”, *sep. de Armas e Troféus. Revista de História, Heráldica, Genealogia e Arte*, IX Série, Lisboa, pp. 95-117
- SILVA, Francisco Ribeiro da (2016) – “O Foral Manuelino de Vila do Conde”, *Vila do Conde – Boletim Cultural da Câmara Municipal*, 3ª Série, vol. 1, Vila do Conde, pp. 121-142 (antecedido de reprodução fac-similada e de estudo codicológico, pp. 17-120)
- SILVA, Pe. Luís da (1721) – “Noticias da Igreja Matriz de V.^a do Conde, relíquias, sepulturas, etc.; capelas ou ermidas que há na vila, população, etc. Em 12 de Setembro de 1721. Bib. Nac. de Lx.^a, F. g. 426, fls. 21”, in *Caderno de Cultura*, Suplemento do *Jornal de Vila do Conde*, nº 212, ed. de 27 de Outubro de 1983, pp. 1-2
- SIMÕES, J. M. dos Santos (1997) – *Azulejaria em Portugal no Século XVII*, vol. 1, *Tipologia*; vol. 2, *Elenco*, 2ª ed., Lisboa, FCG
- SOLEDADE, Fr. Fernando da (1726) – *Memória dos Infantes D. Affonço Sanches e Dona Thereja Martins fundadores do Real Mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde*, Lisboa
- SOLLA, Conde de Castro e (1912a) – “Notas d’um antiquário”, *Ilustração Villacondense*, 3º Ano, nº 32, Vila do Conde, Setembro, pp. 1-6
- SOLLA, Conde de Castro e (1912b) – “Notas d’um antiquário”, *Ilustração Villacondense*, 3º Ano, nº 33, Vila do Conde, Outubro, pp. 1-7
- SOLLA, Conde de Castro e (1992) – “Documentos. I. Convento de N. Sr.^a da Encarnação de Vila do Conde (S. Francisco)”, *Vila do Conde. Boletim Cultural*, Nova Série, nº 9, Vila do Conde, 1992, p. 40 (reed. do artigo publicado na *Ilustração Villacondense*)
- SOUSA, D. António Caetano de (1738) – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, vol. I, 2ª ed., Coimbra, 1946 (1ª ed., 1738)
- SOUSA, Eliana S. Miranda de (2013) – *Vila do Conde no início da Época Moderna. Construção de uma nova centralidade*, Diss. de Mestrado. Porto, FLUP, ed. policopiada
- TÁVORA, D. Luís Gonzaga de Lancastre e (1970) – “A Heráldica Funerária do Conde D. Pedro de Meneses”, *Actas das 1ªs. Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. I, Lisboa, pp. 165-221
- VASCONCELOS, Frazão de (1956) – “Subsídios inéditos sobre Gaspar Manuel, piloto da carreira da Índia, China e Japão (Séc. XVI e XVII)”, *Boletim Geral do Ultramar*, Ano 32, nº 373, Lisboa, Julho, pp. 65-74
- VASCONCELOS, José Leite de (1906) – “Poesia e Numismática”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XI, Lisboa, pp. 62-85



Fig. 1 – Epitáfio de D. Beringela Ferraz, de 1406 (Insc. Nº 1).

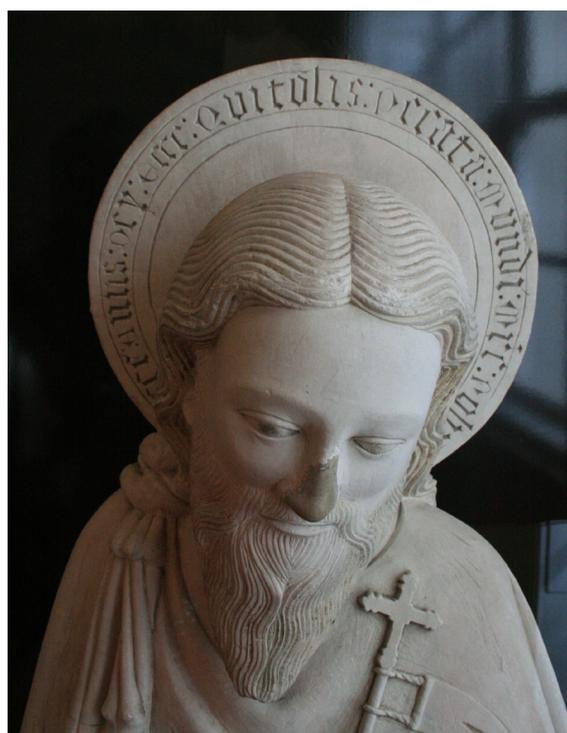


Fig. 2 – Inscrição do nimbo da imagem de S. João Baptista da Matriz de Vila do Conde, do Séc. XV (Insc. Nº 2).



Fig. 3 e 4 – Divisa do túmulo de D. Fernando de Meneses e de D. Beatriz de Andrade, em Santa Clara de Vila do Conde, c. 1460 (Insc. Nº 3).



Fig. 5 – Inscrição da Capela da Conceição, no Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, de 1526 (Insc. Nº 4).



Fig. 6 – Inscrição da Azenha do Ave, c. 1532-43 (Insc. Nº 5).



Fig. 7 – Inscrição da Capela dos Mareantes, na Matriz de Vila do Conde, de 1542 (Insc. Nº 6).



Fig. 8 – Inscrição da Câmara Municipal de Vila do Conde, de 1543 (Insc. Nº 7).



Fig. 9 – Epitáfio de Francisco de Barros Carneiro, de 1550 (Insc. Nº 8).



Fig. 10 – Inscrição de Vicente Folgueira, posterior a 1568 (Insc. Nº 10).



Fig. 11 – Inscrição da Capela de S. Roque, de 1580 (Insc. Nº 11).



Fig. 12 – Inscrição da Capela de S. Roque, de [1580] (Insc. Nº 12).



Fig. 13 – Inscrição da Capela de S. Roque, de [1580] (Insc. Nº 13).

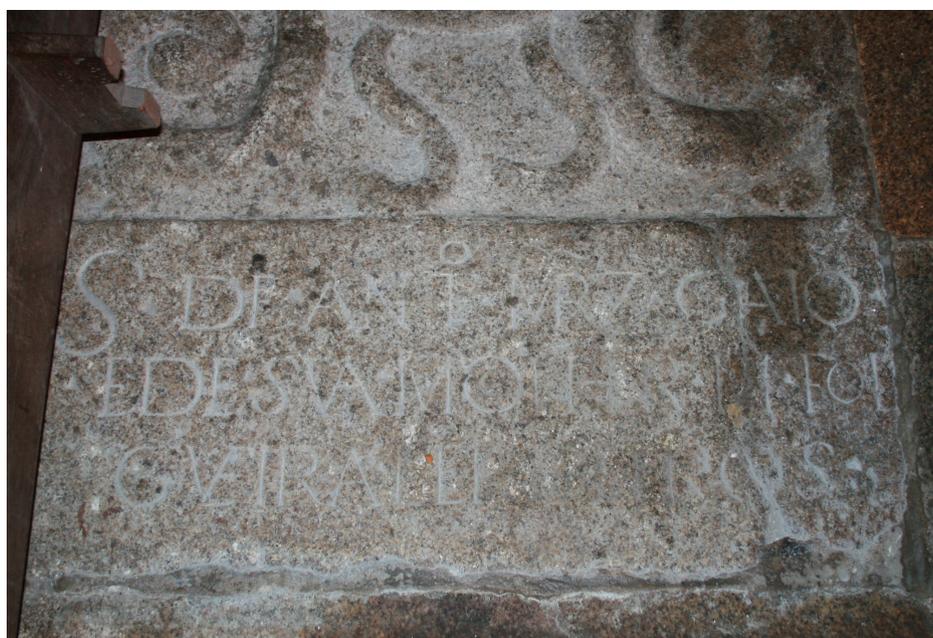


Fig. 14 – Epitáfio de António Martins Gaio e de Maria Folgueira, de [1580-1583] (Insc. Nº 14).



Fig. 15 – Inscrição do prédio urbano da Rua Joaquim Maria de Melo, de 1582 (Insc. Nº 15).



Fig. 16 – Inscrição da Capela de Nossa Senhora do Socorro, de 1603 (Insc. Nº 22).



Fig. 17 – Epitáfio de Gaspar Manuel, de 1621 (Insc. Nº 25).

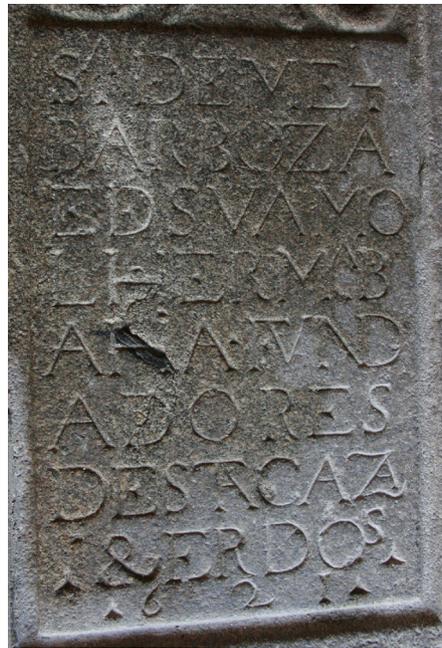


Fig. 18 – Epitáfio de Manuel Barbosa e Maria Bahia, de 1621 (Insc. Nº 28).



Fig. 19 – Inscrição da Capela dos Mareantes, do Corpo Santo ou da Boa Viagem, na Matriz de Vila do Conde, de [1622] (Insc. Nº 29).



Fig. 20 – Inscrição da Capela dos Mareantes, do Corpo Santo ou da Boa Viagem, na Matriz de Vila do Conde, de 1622 (Insc. Nº 30).

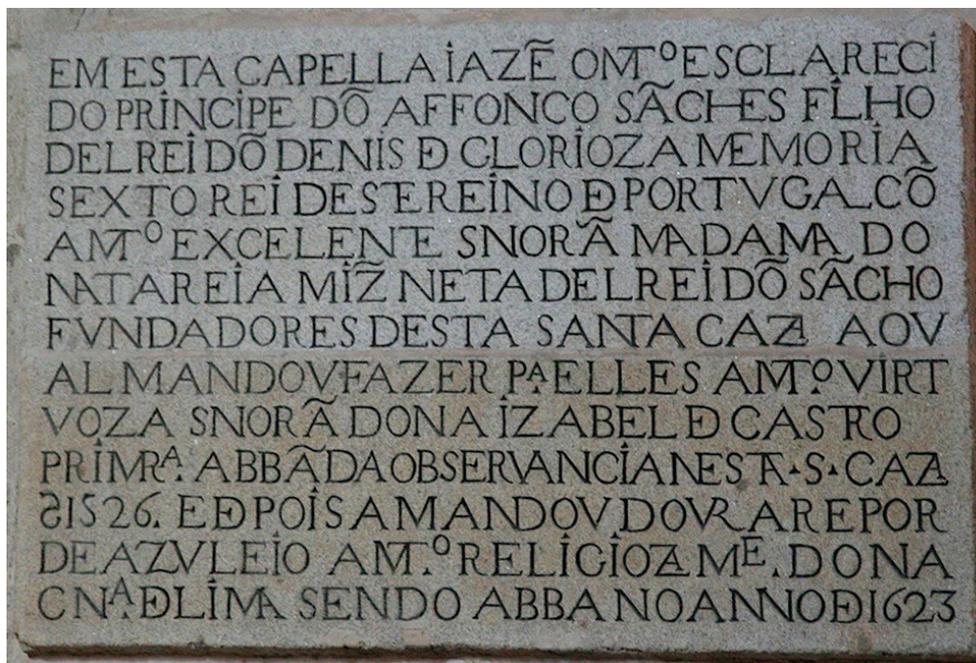


Fig. 21 – Inscrição da Capela da Conceição, no Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, de 1623 (Insc. Nº 31).

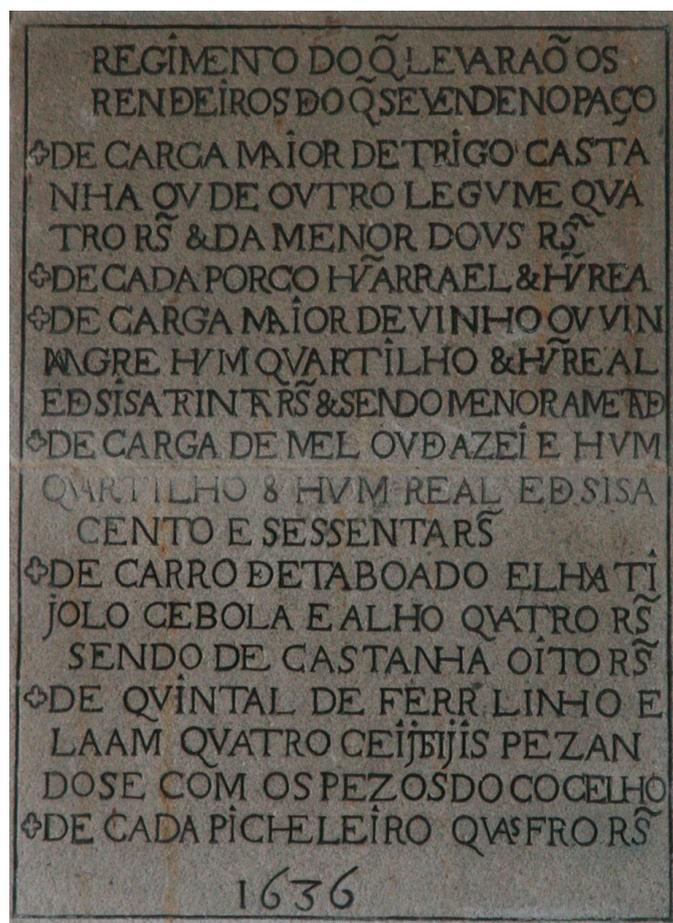


Fig. 22 – Inscrição do Regimento da Câmara Municipal de Vila do Conde, de 1636 (Insc. Nº 35).